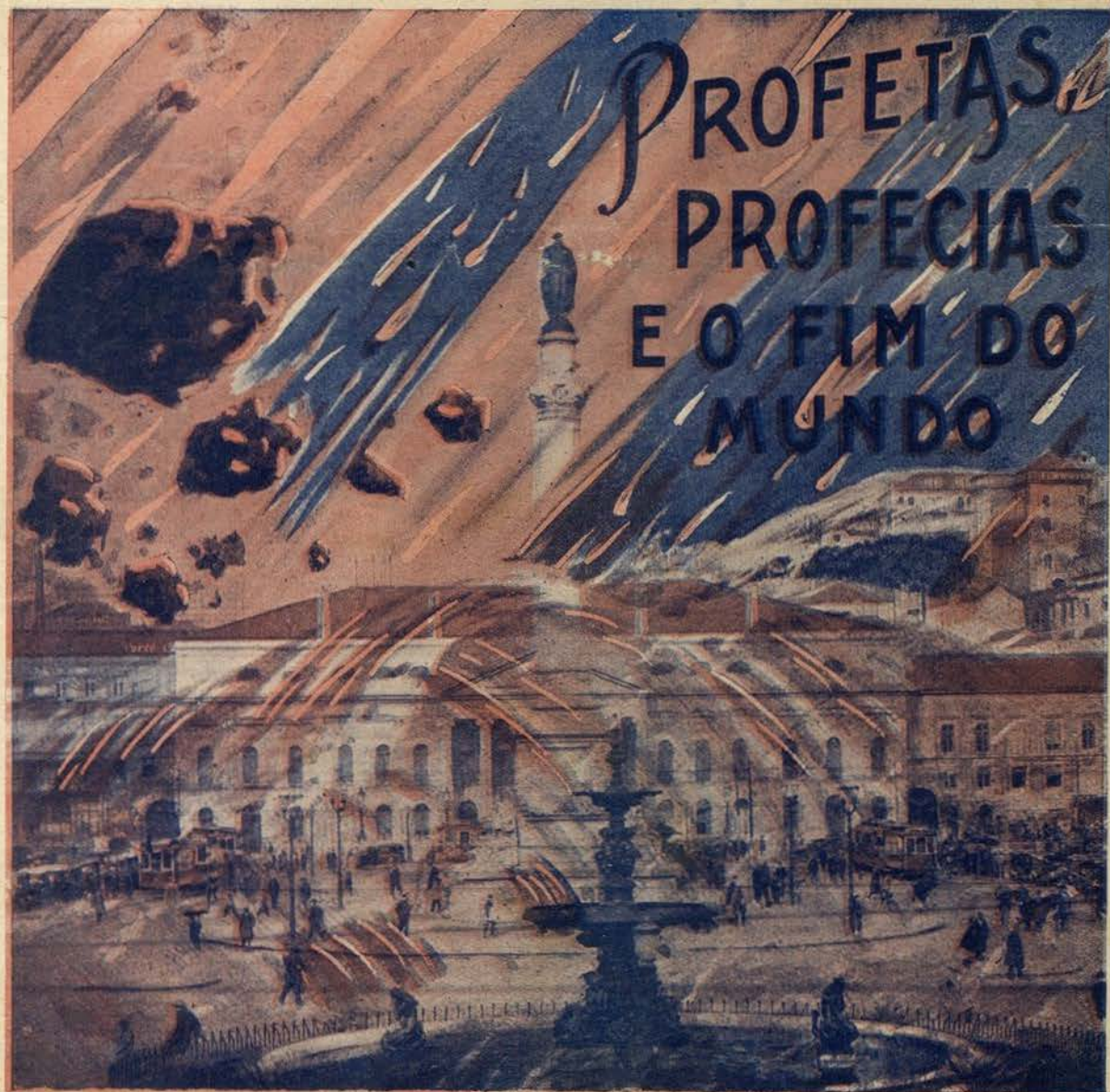


Ano II—N.º 62
10 de Outubro de 1931
Preço 1 Esc.

reporter.

Semanário das grandes reportagens



reporter

O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B.

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

Passaportes

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60

Tel. 762

Porto



A maravilha das grafo-
nolas, a ELECTRO-SONORA,
trabalha eléctricamente
ou por corda, motor
para 110 ou 220 «volts».

118—Rua de Cedofeita—120

PORTO

OBRAS COMPLETAS DO

Reporter X

A venda em todas as livrarias

Verdade!

Emoção!

Deslumbramento!

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e
tantas outras drogas que lhe têm impingido
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bol-
sa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empre-
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.

Constatará que é só

KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe
em sua casa, e sem auxílio de ninguém, resti-
tuir a côr natural aos cabelos em **15 minutos**.
E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-
guém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Re-
presentante M. CABRAL—R. Camilo Castelo
Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—
Telefone 2 1415—Agente no Porto—A.
QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

CYMA

Se V. Ex.^a tem de presentear alguém,
deve lembrar-se que um relógio
desta marca, é o melhor presente
que pode encontrar.

VENDE-SE EM TODAS AS
RELOJOARIAS E OURIVERSARIAS

ABC-ZINHO

O ÚNICO JORNAL PARA CRIANÇAS
QUE SE PUBLICA EM PORTUGUÊS

A B C-ZINHO sai às segundas-feiras

Todos devem ler o A B C-ZINHO porque instrue, educa,
diverte e custa só **1\$00**

Preços por assinatura: — Por ano (52 números) 48\$00; por
6 meses (26 números) 24\$00; por 3 meses (13 números) 12\$00.

Pedidos à Administração: — Rua do Alecrim, 61 a 65

Basta escrever um postal e o A B C-ZINHO irá parar a sua casa

Homens & Factos do Dia

Quem era Silva Passos

E CONTRA a técnica do «music-hall», e deve-se-lo também contra a do feito articulista, abrir um programa de variedades com um «lever de rideau» triste, doloroso, empapado de saúde.



Morreu, há dias, Francisco da Silva Passos. Se, pela idade, não pertencia à minha geração—êles bem a merecia pela constância da sua juventude, das suas ilusões e pela crueldade do fatalismo que é o estigma destes malfadados moços que se lançaram, à volta de 1914, trémulos de entusiasmo e de fé, na conquista da glória e do Amanhã pelo caminho das letras, das artes, do espírito e da inteligência. Sobre êles calu toda a metralha maldita da guerra e do post-guerra, todo o peso da maldade desenfreada dos outros, com um longo cortejo de materialismos, de fanatismos retrógrados, de egoísmos, de ambições ilegítimas, de immoralidades contagiosas... Quando fecho os olhos e faço desfilar, pelo meu sonho, êsses camaradas—que asfixia de alma! Que nostalgia! Que desânimo! Que calmo desespero! Os que não morreram torturados pela ideia de que não tiveram tempo sequer para reunir o prólogo fragmentado e disperso da grande obra imortal que traziam nas entranhas, chorando, como André Chenier, ao subir ao patíbulo: «Malgré ça il y avait quelque chose, ici dedans!»; os que não ficaram dizimados no início do à la charge (e são já muitos: o José Vilhena, o Afonso de Bragança, o Almada Lacerda, o Mário de Almeida, entre trinta—e agora o pobre Silva Passos...), desistiram, numa amargura de tristeza, ou se mutilaram, antes da vitória—e diluíram-se, empastelaram-se, morreram para o seu sonho e para o sonho colectivo da geração.

Silva Passos era um gentleman—muito mais elegante por dentro do que no jantismo impeçável do porte. Boémia, necessariamente—a boémia e o romantismo, ao contrário do que julgam os patetas anémicos das leitárias e do neo-conservantismo, são eternas e indispensáveis à actividade espiritual dos peregrinos do «Amanhã», Silva Passos era intransigente no respeito por si próprio. Amava a noite—o grande refúgio dos que

são desgraçados à luz do sol—, mas fossem cinco horas da manhã ou três da tarde, ninguém o via sem o seu monóculo despretencioso, sem a sua lapela florida, sem o seu sorriso, a sua graça, a sua blague, o seu soneto admirável e recém-improvisado, sem um novo sonho de ventura ou de beleza, e muitas vezes com os bolsos vazios e a inquisição de um dia sem dinheiro a ameaçá-lo para quando o sol doirasse a cidade. Como poeta, foi dos melhores do seu tempo; como jornalista, dos mais brilhantes; como funcionário, dos mais honestos e cumpridores. Conheci, há tempos, o filho dum juiz francês, em exercício em Dakar, que me disse: «O vosso cônsul é l'enfant chéri não só das autoridades locais e do corpo consular como de toda



Silva Passos

a boa sociedade da colónia. Buscam-no com guloseima. Criou, em meses, uma celebridade das mais lisongeiras, não só de homem superior como de funcionário meticoloso, recto, brilhante. Veteranos como o cônsul da Espanha solicitam-lhe conselhos.» Esse nosso cônsul em Dakar era Silva Passos.

Mas existe outro aspecto do passado dêste meu pobre camarada, que muitos ignoram: a sua ideologia social e a dignidade, o heroísmo com que a exteriorizou. Dizer que a República, ou seja o passo à frente que demos em 5 de Outubro, lhe deve muito—quasi toda a vitória—é um lugar-comum pouco impressionante. E' preciso contar os factos para que no espírito de quem me lê surja e perdue um sentimento de gratidão pela sua memória. Já conhecia,

vagamente, o episódio, mas o «Norte», essa desventurosa, pitoresca e estranha figura lisboeta, o «Norte»—liliputiano, ruído, expressivo, sôfrego de luz, misto de caricatura e de escultura, de «music-hall» e de Shakespeare, profeta com ilusões de apóstolo e com epilepsias de Satan acorrentado ao seu próprio físico, puzzle de personagens de Hugo e Courteline, de Mark Twain e de Pöe, auto-sugestionado pelo Máximo Gorki com quem se assemelha num reflexo de espelho côncavo, gavroche nas barricadas e «Custodia» dedicadíssimo junto ao leito de agonia dos seus amigos, sejam êles um predestinado de talento como Metzner (que só encontrou, após uma vida de labuta literária, um catre de hospital e dois amigos leais e feis: êle, o «Norte» e outro) ou um vagabundo de ruela, mas o «Norte», ia eu dizendo, como testemunha e companheiro dessas horas de luta e de alucinação, foi quem me revelou a verdade, em todos os seus episódios. Estávamos os três, ao cair da noite, em redor de uns cálices—o «Norte», Costa Pereira e eu.

—Foi êle (o Silva Passos) quem levantou em Lisboa o protesto universal contra o assassinio de Ferrer. Os jornais tinham noticiado o fuzilamento em Montjuik e, após umas frases e uns discursos, essa monstruosidade ia cair no esquecimento. Estávamos eu e o Adão—vocês conhecem o Adão, o velho libertário, aquele... fanhoso, hein?—a idear o que devia ser o castigo dos assassinos do mártir, quando Silva Passos, dando um soco na mesa—era no restaurant dos «Anarquistas», por detrás da «Trindade», ao lado do «Tavares» pobre—, gritou: «Vamos nós publicar um manifesto contra Afonso XIII para que a Humanidade inteira desperte e prove aos tiranos que a era dos seus crimes e da sua impunidade acabou!»

«Silva Passos, nervoso, impaciente, pediu papel e tinta, e uma hora depois estava pronto o manifesto. Caramba! Vieram-me as lágrimas aos olhos! Que eloquência! Que energia! Parecia o estalar de um obús em cada frase! Mas faltava o melhor: dinheiro para imprimir o manifesto. Conferenciamos... Silva Passos e o Adão foram vender uns dicionários para pagar à tipografia... Eu fui a um jornal e pedi restos das bobines. Depois, de volta aos «Anarquistas» e com as facas da mesa, começámos a cortar as tiras, para que todas tivessem o mesmo tamanho. Naquela mesma noite andava o Silva Passos, de flor ao peito, monóculo, frac, chapéu de côco (parece que o estou a ver...), com um pacote de manifestos debaixo do braço, a distribuí-los pelas ruas e «cafés». A's nove da noite havia uma sessão solene, presidida pelo Bombarda, e eu fui a correr levar-lhe um exemplar para que se começasse pela leitura da prosa do Silva Passos. O Bombarda leu

e toda a assistência, de pé, aplaudia, rubra de entusiasmo. Um avançado francês que estava então em Lisboa (Guimair ou Costmair) enviou outros exemplares para Paris, Bruxelas, Londres, Berne e pouco depois o mundo inteiro acusava os assassinos de Ferrer! E foi Silva Passos quem deitou fogo ao rasilho."

Quando o "Norte", com os olhos dilatados e a grenha esfarrapada, terminou a sua evocação, recordei um episódio do 31 de Janeiro que me foi contado por um veterano da República. Existia e existe ainda, na Praça da Liberdade, no Porto um quiosque, à volta do qual, nas vésperas da revolta fracassada, se reuniam alguns conjurados. O que era então proprietário do quiosque — pai do actual — era conhecido pelas suas ideias republicanas. Foi preso, após a derrota, e, ao ser interrogado, falaram-lhe dos "seus correligionários". — "Quais?" — quis êle saber. — "Eles são assim tantos?" — commentou irónicamente o juiz. — "Conforme..." — respondeu o preso. — Se a revolução tivesse saído vitoriosa todos nós éramos agora correligionários!"

Isto nem a talhe de foice... Desdítos Silva Passos! Tantos souteneurs da Rotunda a viverem na abastança, sem terem lá estado, e êle, que foi dos que fizeram, com risco de vida e com esforço heroico, a República, morreu mais do que pobre! Ê que tinha talento e era poeta, era escritor, era sobretudo honesto... Mas a-pesar da sua pobreza conservou até à última hora a sua flôr na lapela — expressão simples da elegância do seu espirito de elite...

A aviação portuguesa no estrangeiro

Os jornais alemães dedicam o melhor do seu espaço à interrupção quasi trágica do "raid" — aéreo-transatlântico intentado pelo português Veiga, e pelos alemães Rodye e Johannsen. Reportagens, estudos, elogios pirotécnicos, retratos, hipóteses

e reconstituições gráficas da catástrofe e do salvamento dos aviadores, etc.. Na sua grande maioria, apenas há a lamentar uma lacuna: o terem-se esquecido do nosso compatriota. O que leva êsse olvido a extremo incorrecto é o Berliner Illustrirte Zeitung... Isso, tendo fracasado o raid. Calculem se resultasse um triunfo glorioso...

* * *

A propósito... Um português que vive há anos em Varsóvia — Raul Monteiro de Castro (creio mesmo que já teve um cargo oficial do nosso govêrno), a quem devemos, por mais duma vez, a gentileza de notícias e revelações inéditas e de interesse jornalístico — escreve-me: "Um diário desta cidade publicou um artigo sobre aviação, assinado pelo redactor principal, de que transcrevo um peritudo: "A verdadeira resolução do problema aeronáutico, a que nos permitiu idealizar as mais vastas empresas, as mais arriscadas façanhas, ilimitando o futuro da aviação, foi, sem dúvida, a descoberta do sextante Gagocoutino (l). Gagocoutino quer dizer, em espanhol (o seu inventor é o aviador espanhol Ramon Franco), "olhos de mocho"..."

Pai do Céu! Como é possível, em tão poucas linhas, tantos disparates, e graves porque significam uma injustiça dolorosa. Que Gagocoutino é sinónimo de "olhos de mocho", em espanhol! Não creio que seja uma arrojada blague do jornalista; é possível — quasi certo — que o autor do artigo tenha sido vítima de um charlatão que, prosapiando de poliglota, o convencesse dêsse significado.

Mas o que não tem desculpa é a sua ignorância sobre a inconfundível personalidade do Gago Coutinho, sobre o seu glorioso feito transatlântico e sobre a paternidade do seu invento...

O nosso correspondente acrescenta: "Quando li o artigo escrevi uma carta ao autor pondo os pontos nos ii; e temendo que a minha syntaxe em polaco provocasse novas confusões, pedi a um compatriota do jornalista — e bem illustre — para rever e emendar a prosa. Pois bem. No outro dia publicava-se a seguinte rectificação: "Na nossa última crónica cometemos um ligeiro equívoco a propósito do sextante Gagocoutino. O sr. Castro escreveu-nos, esclarecendo-nos. Melhor informados podemos dizer aos nossos leitores que o citado sextante foi inventado por um illustre oficial da marinha espanhola, que se chama Gago Coutinho. A confusão nasceu do facto do sr. Ramon Franco ter estreado êsse sextante na sua viagem à América, em que foi acompanhado pelo sr. Gago e pelo sr. Cabral, ambos espanhóis. O sr. Ramon Franco que atravessou o Atlântico é que é português, embora tenha o mesmo nome do revolucionário espanhol. E sem ofensa para os nossos amigos espanhóis, achamos uma partidinha de mau gosto do destino dar a um illustre aviador um nome que significa "olhos de mocho!"

Sêbo!!!

REPORTER X

P. S. "O sêbo" é nosso e não do jornalista polaco.

R. X.

OS MELHORES



ALVAIADES

EM MASSA

Deposítários Gerais para Portugal e Colonias:
CARLOS CORREIA & C.ª Lda.

Rua Mousinho da Silveira — PORTO



O empregado da Estatística: — Qual é a sua occupação?

(De The Saturday Evening Post.)

Profetas, profecias e o fim do mundo

Os profetas populares dos séculos XIII e XVII—O Bandarra e o Saavedra—A revolução francesa, a Grande Guerra, o post-guerra, o conflito da Manchúria, a queda de Afonso XIII e a crise inglesa, previstos há cinco séculos—O fim dum continente—As profecias dos sábios—O que disse Flammion—Fantasias de Wells—O narcótico, a loucura, o frio, o fogo e a água.

«... Se dois perros, da gema do ovo, Brigarem por causa dum pinto, Foge o orgulho daquele povo, Com a terra duma das cinco...»

É assim que começa a segunda parte dos «Pregões» de Bonifácio Saavedra, contemporâneo e rival do famoso Bandarra. Portugal, a França e a Espanha foram, em todos os tempos, os países mais salpicados pelos profetas populares. Não se fez uma sondagem completa às visões do Bandarra, que era, como o seu irmão francês «Auzimes» (sinónimo de «soia» em «patois» de Auvergne), um hábil sapateiro; e como «Auzimes», previu — afirmam os iniciados e os intérpretes das suas profecias —, não só todos os acontecimentos que se desenrolaram, para bem e mal da Humanidade, desde o seu tempo até aos nossos dias, como gizou, no horizonte dos tempos, factos que as confirmações actuais fortalecem, obrigando-nos a fixar na terrível certeza de que não existem erros nem exageros nas suas clarividências... Bandarra, que é o mais popular de todos os videntes nacionais, podendo a sua alma orgulhar-se de o ver evocado, com frequência, no estrangeiro, desde que Maurice Saugnier o traduziu e vulgarizou lá fora, previu o terramoto de 1755, a batalha de Montes Claros, a invasão dos franceses — «vejo a água bicar três vezes...» (a água — Napoleão; bicar três vezes — as três invasões...), a Grande Guerra, o bolchevismo russo e consequências — «e do Oriente em fogo, outros bichos vejo virem vindo...»

Contudo, igual talvez ao Bandarra — ou superior até — em numerosas profecias, em agudeza de visão e na minúcia dos acontecimentos que adivinha — está Bonifácio Saavedra. Não sabemos porquê, poucas ou raras vezes, falando-se de profetas populares, o citam. Verdade é também que, enquanto o nome e a obra de Bandarra estiveram sempre em contacto com o povo (na própria manhã do dia trágico em que Lisboa devia ser descastelada pelo terramoto, os cegos voltejavam em redor dos templos apinhados, apregoando as profecias do «Sapateiro Bandarra», entre as quais se lia a que visionava a catástrofe que não tardou a ser angustiosamente confirmada), Saavedra, pouco conhecido já na sua época, só era recordado por algum curioso que arquivava as cópias dos seus

trabalhos visionários. Ora, precisamente uma das obras mais impressionantes de Saavedra, que ele — ou alguém — reuniu sob o título de «Pregões» («Pregones» se lê no alto do folheto) foca com estranha clareza os factos da hora que passa — como o vamos demonstrar.

... AMARELO É ...

Segundo mandam os iniciados, todas as profecias, para o serem de facto, devem prestar-se a três interpretações diferentes, falcando da fricção das três a visão máxima do profeta, e por isso mesmo a mais hermética. Analisemos a reproduzida na abertura deste artigo, que é de todas a que parece mais flagrante em oportunismo — se fecharmos os olhos às arbitrariedades dos conceitos e imagens. Os profetas populares, mais do que os poetas, não reconhecem limites à fantasia. «Se dois perros, da gema do ovo, brigarem por causa dum pinto...» Ora se convençarmos, de acordo com Saavedra, que existem cães da cor da gema do ovo e considerarmos a Manchúria um pinto (o pinto, neste caso, não representa uma moeda mas sim um perro mais pequeno, já que os perros estão um pouco... galináceos), visionamos a China e o Japão (perros, porque, naquela época, todo o povo não cristão era perro e gema do ovo para indicar a cor da epiderme amarelenta) no auge do seu conflito actual. E acrescenta: «Foge o orgulho daquele povo, com a terra duma das cinco...» Aqui, bifurca-se a profecia... Continuando na mesma interpretação — pode prever-se a derrota dos nipónicos (o povo orgulhoso por ele apontado) e a realização duma profecia mais antiga do que esta: a dos próprios japoneses. Segundo a sua mitologia, o arquipélago divide-se em cinco deusas — e deve desaparecer, submergindo como emergiu — milagrosamente das águas... Nesta hipótese temos a visão do actual conflito asiático a uma distância de quasi 500 anos e a do seu ignorado desenlace com a vitória da China e o fim do imperialismo nipónico, seguido do desaparecimento das ilhas, o que, aliás, não é para admirar dada a irritação constante daquela parte do globo, sacudida por sucessivos terramotos... Mas a profecia deve ter três interpretações. Vamos à segunda: «Se dois perros», etc. pode muito bem significar a desordem financeira provocada pela libra (perros da gema do ovo: a libra é... um cão para os outros, e amarela). «Por causa dum pinto» (a crise nasceu com o pretexto da chamada «liquidação do shilling»; e o shilling... é um pinto» comparado à libra). «Foge o orgulho daquele povo...» (a queda do imperialismo britânico?) «com a terra duma das cinco» (o desaparecimento dum continente?).

A terceira interpretação — a que os iniciados chamam a «chave das profecias» — não a encontramos... Talvez qualquer leitor a descubra.

AFONSO XIII E O PROFETA SAAVEDRA

Saavedra previu também a queda da monarquia espanhola:

*Duas tesouras vão cortá-lo,
Apagam-se doze e uma vela,
Quando os perros de Castela
Cantarem tão bem como o galo.*



A água crescerá sobre as cidades, afundando palácios e museus com os seus recheios ameadados durante séculos...

Duas tesouras—dois XX em romano—vinte—é o nosso século. Doze e uma vela—são os treze Afonsos, todos sobresalientes e luminosos, pelo bem ou pelo mal, na história de Espanha. Quando os perros de Castela (Saavedra viveu numa época em que o castelhano era odiado como pelo cão o gato) cantarem tão bem como o galo—o galo símbolo histórico da República Francesa. E tendo-se em conta que o profeta popular pertence ao século XV, quere dizer, dois séculos antes da Revolução de 93, a primeira interpretação — ou seja a primeira profecia — visiona a revolução francesa; as tesouras — as duas guilhotinas de Simon e de Brutus; as doze e uma vela — os treze séculos da família de Luiz XVI; e quando os perros de Castela cantarem como o galo — pelo epíteto de «galo» era chamado Nivreau e quando foi a tomada da Bastilha o rei de Espanha parafraseou Nivreau, dizendo: «A revolta dos escravos do meu vizinho é uma catástrofe para os meus escravos porque são os meus que vão pagar as culpas daqueles.»

Mas — detalhe pouco agradável — todos os profetas, seja Bandarra, seja Saavedra, seja «Auzimes», ao visionarem os acontecimentos actuais prevêm o desaparecimento de um ou mais continentes. Saavedra, que na primeira profecia citada visiona a fuga «de uma das cinco», na que se refere à revolução espanhola adiciona o seguinte:

*Vejo muitas luzes então,
Todos buscam oiro e famas;
Cai uma estrela no chão,
Fica a terra toda em chamas.*

Já «Auzimes», o sapateiro profeta francês, profetizou o mesmo ao visionar o post-guerra — visionando a guerra. Traduzimos, livremente, a sua profecia da guerra: «Contra uma água duma só asa (o Kaiser era quasi maneta) levantam-se todos os braços da terra, quando um só braço na terra dos cinco braços (a península dos Balkans, assim chamada por Shopo, quando do apogeu do Império Bizantino) derrubar quatro (o atentado de Serajevo contra os arquidúques da Austria).» Depois de prever todas as catástrofes do post-guerra, «Auzimes» proclama o fim dum continente numa profecia que também traduzimos livremente: «Depois todos bebem pela paz até despejarem doze

(Conclue na pag. 12)

Mistérios da Rússia

Boris Savinkoff, o «Legionário da Morte»

NO seu último número, a revista de Praga «Europa Central» afirma que Boris Savinkoff vive oculto numa extraviada aldeia mandchuriana. Não é a primeira vez que se noticia a sua sobrevivência. Periódicamente, casos idênticos se propagam na Polónia, Checoslováquia e Rússia, sem que, depois, se confirmem.

Quem foi Boris Savinkoff? Um esforçado revolucionário cujo nome manteve bem viva a curiosidade da Europa Central durante 25 anos, com a sua tríplice personalidade de escritor, terrorista e guerrilheiro. Como escritor, as suas obras «O cavalo branco», «O que não sucedeu», «O cavalo preto», etc., foram unanimemente elogiadas pela crítica e transpuseram as fronteiras do idioma pátrio. Como guerrilheiro, as suaves colinas da Polónia, as áridas estepes de além Volga e as neves siberianas conheceram as suas temerárias incursões. Como terrorista, desde o começo do século até 1917, as suas prodigiosas façanhas ruíram os cimentos do tsarismo e o prestígio da poderosa Okrana (*). Sem furtar o corpo ao perigo, sempre na primeira linha, uma sorte caprichosa protegia Boris Savinkoff, que assistiu indemne ao fatídico exodo dos seus colaboradores que, sem excepção,

(* Todas as polícias reunidas do Império Russo, que dependiam directamente do Ministério do Interior.



Skitaletz, Anaréeff, Gorki, Telecheff, Chaliapine, Bounine e Tchirikoff, alguns dos intelectuais russos que trabalharam para a emancipação da alma russa.



Kerensky, chefe do governo provisório russo, assiste ao enterro das vítimas da primeira tentativa bolchevista em Petrogrado — Kerensky saúda...

participaram do martirólogo revolucionário. A ée estava-lhe reservado um fim glório.

Seguir Boris Savinkoff na sua assombrosa carreira de assassino político excede os limites deste artigo. Assim, limitar-nos-emos a evocar alguns episódios interessantes da sua vida de Príncipe da Aventura.

COMO NASCE UMA VOCAÇÃO

Adolescente ainda, Boris Savinkoff toma parte num motim universitário e é deportado para Volodga, onde trava amizade com Pilsudski, o homem que havia de converter-se em dono e senhor da Polónia ressuscitada das suas cinzas. O exílio inflama a rebeldia de Savinkoff. Sob o plúmbeo céu de Volodga brota a sua vocação terrorista. Paciente e conscienciosamente, prepara a sua fuga, consegue embarcar em Arkhangel e chega a Gêbra, quartel-general do terrorismo russo.

Apresentando-se a Miguel Gotz, delegado do Partido Revolucionário, declara, resolutivo: «Eu quero ser terrorista!» Dos olhos de Savinkoff irradia o comando, o seu aspecto mostra decisão, excelentes recomendações o abonam, e Miguel Gotz possui uma certa intuição, circunstâncias estas que fazem do imberbe aspirante um dos chefes da temível «Legião da Morte».

Em breve Boris Savinkoff é encarregado duma delicada missão, que o comitê prepara: a execução de Von-Plehe, o Primeiro Ministro e Ministro do Interior de todas as Rússias e chefe odiado da Okrana. Suprimir uma personagem de tal importância, possuidora de todos os segredos do Império, não era, indiscutivelmente, uma tarefa fácil...

OS PRIMEIROS LOUROS ENSANGUENTADOS

Savinkoff e a sua lígubre comitiva abandonam o asilo da Suíça. Passa um ano. Durante este tempo teve Boris que sair duas vezes da Rússia e regressar por caminhos isolados; foi vendedor de bicicletas e de cigarros, distribuidor de prospectos, bufarinheiro, charlatão de feiras e, por fim, sob o nome de Sir O'Brien, um opulento escocês admirador das bailarinas da Ópera Imperial.

Entretanto, chega o momento de actuar. Nicolau II veraneia em Perloff e o Primeiro Ministro irá despachar com o soberano todas as sextas-feiras. Para tomar o combóio especial que o es-

pera na estação de Varsóvia, Von-Plehe, que não percorre duas vezes o mesmo trajecto, não pode evitar a Perspectiva Imailowska, pouco frequentada e que margina o Neva. Boris planeia o atentado. Um jovem operário chamado Siorsky postar-se-á à entrada da ponte, fardado de oficial de marinha. Na Perspectiva, de vinte em vinte passos, estarão Kaliaeff, um poeta adolescente, disfarçado de groom de hotel; Sazonoff, estudante de menos de 20 anos, de empregado ferroviário; Borichansky, exaltado revolucionário, de tratador de bois. Sazonoff levará uma bomba de seis quilos, dentro dum cesto de viveres; os outros, uma bomba de três quilos, cada. Quando o cortejo ministerial, depois de passada a ponte, caminhar para a Perspectiva, cortar-lhe-ão a retirada. Assim que o trem de Von-Plehe chegar à sua frente, Sazonoff atirárá a bomba. No caso do trem continuar a carreira, Borichansky cumprirá o seu dever; se recuar, Kaliaeff e Siorsky intervirão. O golpe não podia falhar.

Sucedeu como estava previsto. A's 10 da manhã de 15 de Julho de 1904, a ponte trepida sob o rítmico bater de fortes ferraduras. Dois trens cheios de polícias entrara na Perspectiva Imailowska; ocupado por um só homem correctamente vestido, que terroristas ingénuos poderiam confundir com o Primeiro Ministro, um terceiro trem segue, e logo uma carruagem fechada a cujos estribos galopam dois cossacos. Dentro da carruagem, em grande uniforme, constelado de condecorações, Von-Plehe lê...

De súbito um enorme estampido sôa, chamas e nuvens de fumo elevam-se ao céu. Através do fumo, mal se distinguem os cossacos esquartejados, o cocheiro, de barba de pope, agonizando, os cavalos cravejados de chumbo e estilhaços de madeira, debatendo-se em convulsões, e uma massa sanguínea e viscosa que cobre o corpo de Von-Plehe...

A dez passos, destroçado o peito pela metralha, o estudante Sazonoff expira...

A morte do Primeiro Ministro representa uma grande vitória terrorista. A notícia embriaga os meios revolucionários, como um vinho capitoso.

Boris Savinkoff tem heróica consagração, a sua figura adquire as proporções de um Hércules exterminador da hidra autocrática, a glória corá-o de louros ensanguentados. O terrorismo pode ter

fé e confiança neste paladino que, como os grandes generais de Revolução Francesa, não conta ainda vinte e cinco anos...

EM PLENA APOTEOSE

Uma nova missão, tão transcendente como a anterior, não tarda em ser confiada a Savinkoff: a morte do governador de Moscova, o Grã-Duque Sergio, tio do *tsar*.

A meio de Setembro os conjurados tomam o caminho das «quarenta vezes quarenta igrejas». Quatro meses decorrem. As redes preparatórias do atentado estreitam-se, implacáveis, em torno do Grã-Duque. Em Dezembro tudo se achava preparado: o dia de Natal será o último do sátrapa de Moscova... Uma algazarra de estudantes, seguida de uma greve operária, obrigam Sergio a abandonar a residência de Tverski pela mais segura do Kremlin e o *complot* fracassa.

Boris não desanima; rápido, um novo plano nasce da sua fecunda imaginação. No dia 2 de Fevereiro de 1905, uma festa teatral a benefício da Cruz Vermelha facilitará a empresa.

A sorte designa Kaliaeff para lançar a bomba. A carnagem ducal detem-se frente ao pórtico do teatro. O braço de Kaliaeff eleva-se... Boris Savinkoff e o seu bando permanecem em angustiada expectativa... Nada! Que sucede? Será traidor o poeta? Não! Com Sergio, descem, da carruagem, a Grã-Duquesa e os filhos menores do Grã-Duque Dimitri. Kaliaeff é um justiceiro, não é um assassino... Soluçante, declara aos seus companheiros: — Não tive coragem para matar as crianças!

Desiste-se ou adia-se o atentado *sine die*? Não. Kaliaeff reclama a reabilitação, e três dias depois da festa de beneficência, o Grã-Duque morre às suas mãos.

Junto à escadaria do Palácio Imperial relincha a soberba parelha da brasonada carruagem. Sentado no átrio da Igreja de Nossa Senhora de Ibéria, Kaliaeff acaricia um embrulho de papel... O Grã-Duque salta ligeiramente ao estribo e o trem aranca, magestoso. Como se uma curiosidade de vagabundo o impulsasse a rivalizar com o trote dos cavalos, Kaliaeff começa a correr. A quatro passos de distância estende a mão direita... Uma bola negra oscila no ar... a praça inteira retumba, envolta em fumo... Um bocado de madeira expelido da carruagem passa sobre a cabeça do terrorista, levando-lhe o chapéu, como para lhe recordar que se deve descobrir perante os mortos...

Trucidados os seus membros, bordados e uniforme feitos farrapos, Sergio Alexandrowitch parece um cadáver dum cidadão qualquer...

Poucos dias passados, balanceando-se numa forca, o poeta Kaliaeff cumpria a promessa da oferta da sua vida em holocausto à Revolução...

O êxito do atentado converte Boris Savinkoff em ídolo revolucionário, leva-o ao cume da apoteose vermelha. A façanha de Moscova sucedem muitas outras que levam o pavor aos próprios degraus do trono.



O último atentado dos revolucionários russos foi contra o Grã-Duque Sergio

CONDENADO À MORTE

A prodigiosa actividade de Savinkoff alvoroça a administração tsarista, que põe a sua cabeça a preço. Quantos meios emprega a *Okrana* para se apoderar da sua pessoa resultam baldados. Subornos e traições nada podem contra êle. Contudo, um dia, o acaso recompensa a perseverança policial: Savinkoff encontra-se nas suas mãos.

Finda a guerra russo-japonesa e disparado o último cartucho da revolução que se julgava que aboliria o absolutismo na Rússia, Boris Savinkoff volta às suas sangrentas actividades. Uma das vítimas designadas pelo *comité* revolucionário é o Almirante Tukukin, que tinha representado um trágico papel na repressão dos motins de marinheiros e soldados em Sebastopol.

Boris prepara o *complot*. O assassino do Almirante Nikoloff, comandante em chefe da esquadra do Mar Negro, perpetrado por outro bando de terroristas, motiva uma minuciosa rusga em toda a cidade, e Savinkoff é preso quando se dispunha a abandonar o hotel. Reconhecido, um sumarrissimo conselho de guerra condena-o à morte.

Pelas veias do terrorista corre sangue nobre e sua família tem influência na Córte. A mãe deita-se aos pés do Imperador implorando clemência para o filho. Nicolau II promete perdoar se Boris lhe dirigir essa petição. Boris prefere morrer a ter de se humilhar ante o autocrata do Palácio de Inverno.

A EVASÃO

Perto da hora da execução, um sargento, que até então tratara sem piedade o prisioneiro, murmurou-lhe ao ouvido:

— Boris Savinkoff, sou Sulastiky, encarregado da tua evasão. Prepara-te... Ao amanhecer serás enforcado, e só dispomos de poucas horas. Lá fora esperamos o teu cunhado Siberbeg.

O sargento saiu, voltando pouco depois com uma navalha. Boris, rapidamente, rapou o bigode. Sulastiky abre a porta do calabouço e empurra-o brutalmente para o corredor. Uma sentinela sente compaixão pelo infeliz, que oculta o rosto no peito para o esquivar aos golpes do seu verdugo. No lavatório, um capote, um boné e um equipamento com revólver dão

a Savinkoff o aspecto dum soldado. Preso e carcereiro entram na casa da guarda.

Os soldados estão deitados. Na sala de oficiais, um cadete dorme; outro lê à morticua luz de uma lâmpada de petróleo, correspondendo distraidamente à continência dos recém-chegados. Já no pátio, o ar gélido fustiga os seus rostos.

— Silêncio! Ainda nos falta a porta de saída — murmura ao ouvido de Savinkoff o sargento.

Junto à porta, Sulastiky sacode a sentinela: — Estás dormindo? Vamos, abre a grade, depois continuarás roncando!

Ganha a rua, reúne-se-lhes Siberbeg. Os três ocultam-se no depósito de ferramentas dos operários que consertam o empedrado. Ali devem permanecer até nascer o dia. A fuga não tarda em ser descoberta e causa alarme na prisão. No seu esconderijo, êles ouvem o surdo tropel dos soldados que procuram o condenado à morte e o seu cúmplice. Seguem-se intermináveis horas de angústia. Uma patrulha chega até à entrada do refúgio. Há um momento em que os fugitivos empunham os revólveres, dispostos a venderem caro as suas vidas.

Um sargento fala em revistar o depósito, o chefe da patrulha vacila um minuto, mas declara que é inútil, e os soldados afastam-se...

Ao amanhecer, Boris e os seus companheiros encaminham-se para o porto. Um barco espera-os, pilotado por um filho dum alto dignatário da Córte, o tenente Nickitienko, filiado no Partido Revolucionário. A embarcação faz rumo à România, para a liberdade...

De volta à Rússia, o tenente Nickitienko e o sargento Sulastiky são fuzilados...

COMLOT CONTRA O «TZAR»

Meses antes da queda do Império, Boris Savinkoff regressa à Rússia. O objectivo da sua viagem é o de liquidar o último Romanoff. Maquina o atentado: Nicolau II voará com o seu *yacht* nas plúmbas águas do Báltico... Precisamente na hora própria, a traição de dois marinheiros determina o fracasso do *complot*.

Se não falhasse o golpe, que fase teria tomado a guerra? Qual seria o destino da Rússia? Continuará a dinastia com o Grã-Duque Nicolau no trono, visto não se contar com o *tzarewitch*? A hora de Kerensky ter-se-ia adiantado? Não é de crer que desse origem a uma eclosão bolchevista: naquela data, Lenine e Trotsky estavam longe, muito longe...



Uma tipografia revolucionária invadida pela policia

...NÃO é esta a primeira evocação que me fazem do «fadista francês». Logo no início do «Reporter X», Eduardo Frias, se não estou em erro, me falou dele: «Seja quem for — trate-se de uma lenda, de um mistério ou de uma banalidade mascarada —, as aparências são dignas de uma reportagem.» Mais tarde, Américo Faria, de regresso do seu «raid» emocionante pelos bairros excêntricos de Lisboa, avivou-o de novo na minha memória: «Tive pena de não conhecer o tal «fadista francês» que goza, na fauna das vielas e das baifugas, uma auréola de chefe todo poderoso. Tentei surpreendê-lo, mas dir-se-ia que farejou logo em mim, sob o fregolismo de rufia, a cilada do reporter e esquivou-se habilmente a todos os encontros...» Estas insinuações, sobrepostas aos boatos que rabiavam à volta do mesmo estrangeiro, aguçaram-me o interesse em descobrir a sua verdadeira personalidade. Cezindo o que me constava e o que deduzi, pude enxadrizar a seguinte ficha: «O «fadista francês» vive nos bairros excêntricos de Lisboa e frequenta todas as tertúlias da rufiagem desde 1911. Ao certo nunca se soube onde é o seu poiso. Aparece sete ou oito noites seguidas na Mouraria, e de súbito surge no Bairro Alto ou em Alfama, com uma assiduidade igualmente curta e suspensa da mesma forma. Mas já tem sucedido frequentar, simultaneamente, nesses períodos semanais, dois bairros diferentes. Outras vezes ausenta-se, some-se, dilue-se no seu próprio mistério, estando meses sem aparecer. Este ilusionismo fez com que muitos dos seus amigalhões o supusessem a «férias», como se designa, em calão, o cumprimento de uma condenação no Limoeiro ou em Monsanto. Mas logo esta hipótese

Como surge em Lisboa, em 1931, o célebre bandido Bonnot, morto em Paris em 1911?

mica expressiva, conseguiu rapidamente familiarizar-se com a sociedade ali reunida. Vestia como se todos os dias fossem domingos, usava um cache-nez castanho em redor do pescoço e uma boina redonda, com pala de oleado. O mais notado na sua toilette foram as calças largas em cima e apertadas nos tornozelos «como as dos ciclistas»... Dir-se-ia que o «francês» logo na primeira noite queria que lhe experimentassem as forças. O «Quim do Porto», que entrou a certa altura com a madama — a «Luiza Fitos» —, desconfiou dele ou ele desconfiou do «Quim». Envolveram-se em desordem, sitiados pela curiosidade de todos os presentes, que já mais tinham assistido a um espectáculo semelhante. O «Quim» girava como um pião, floreando os dedos como se fossem dez navalhas ou dez látegos, no mais perfeito jiu-jutsu fadista; o «francês» era um «ás» no jogo do pugilato apache, atirando-se ao chão e projectando pontapés acrobáticos aos queixos do adversário. Surpreendiam-se mutuamente com o ineditismo dos seus golpes; e quando ambos sangravam e os amigos os separaram, e o «Quim», refilão, vociferava ainda ameaças, trémulo de ódio — o «francês», com uma nobreza que maravilhou o sentimentalismo doentio da assistência, estendeu a mão ao antagonista, que a apertou. O abraço final provocou uma nova emoção, aquecida com novas rodas de «tinto». Veio uma guitarra; a «Luiza Fitos» gemeu um fado; e quando viram os olhos do estrangeiro perlados de lágrimas, deliraram, impadidos de vaidade patriótica e de orgulho fadista. O «francês» era dos «nossos»! O «francês» tinha alma de fadista! Estava lançado...



...os outros bandidos invadiram o Banco, de pistola em punho...

se descastelou... Raro é o membro dessa fauna que não tem em «férias» um amigo ou parente, por desordem, esgrima de navalhas, etc., e esta fatalidade obriga-os a visitar constantemente as cadeias, para consolar os presos. Ora nenhum deles, nessas visitas, dera fé que lá estivesse o «francês». Várias vezes interrogaram os guardas e estes afirmaram que nem sequer conheciam o estrangeiro em questão. O motivo destas ausências continuas, pois, a intrigar as rodas frequentadas pelo «fadista francês». Não é este o seu único mistério. Como vive, o que faz, onde veio e porque veio? Ignora-se, e ele nunca o revelou nem lhe agradam bisbilhotices a seu respeito...

anos que o «fadista francês» vive em Lisboa sem que a polícia tivesse o menor motivo de suspeita e sem que os seus mais íntimos «haços» saibam, vagamente sequer, quem é, e onde vive, onde veio, como se chama...

O MISTÉRIO DO «FADISTA-FRANCÊS» COMEÇA A ESCLARECER-SE

A última vez que me falaram dele foi ante-ontem. Um guarda-cívico que era portador de uma carta do «seu compadre lá da terra» esperava, sentado próximo da minha mesa, que eu desse seguimento ao motivo da sua visita, quando um dos nossos redactores — o Costa Júnior — exclamou, não sei a que pretexto: «Sabem? Ontem à noite, no Bairro Alto, apontaram-me o «fadista-francês»... Tinha ido procurar o nosso camarada B... ao «Diário de Notícias», e à saída entrámos numa loja da Rua da Atalaia para comprar fósforos. B... reconheceu-o logo e apontou-mo... É um rapazão forte, alto, moreno, uma bela cara, sim-

O «fadista francês» — A esgrima «apache» e o «jiu-jutsu» fadista — A emoção contagiosa do fado — Um vizinho — Um velho exemplar do «Matin» — Um baralho... de retratos — O bando trágico — As proezas dos célebres Bonnot, Garnier e Valet — Rindo da morte — O mistério...

pático. Rapagão, é lisonja... Deve orçar pelos quarenta e picos, bem conservados. Estava entre dois fadistas nacionais, beberricando e palestrando amenamente...

O guarda cívico, um pouco sfoqueado pela timidez natural da nossa gente do povo, declarou que conhecia muito bem o «fadista-francês». — «Eu já vivi num quarto da Travessa do Hospital, e no mesmo prédio habitava uma rapariga chamada Mariana, que ele tirou do «fado» e que tratava como uma princesa. Ia vê-la todos os dias, e às vezes passava uma semana e mais sem sair de casa... Segundo a rapariga contava à patroa, era nas ocasiões em que ele esperava carta registada da França... «Veio visto ele tem família ou amigos ricos, posto que, mês sim mês não, recebe uma boa maquia, uma data de notas... Não sei como é o seu nome, mas a pequena chamava-lhe «Jacques». Uma vez a Mariana mostrou, toda vaidosa, à minha patroa um jornal francês, já antigo e meio roto, em que se publicava o retrato do amante. Ele soube e zangou-se a valer...»



Bonnot

— V. também viu esse jornal? — indaguei, picado por um palpite. — Vi, sim senhor... O retrato dele estava entre vários e, diga-se a verdade, o único que tinha boa cara era ele; os outros pareciam ter fugido do Limoeiro...

Desde que me falaram pela primeira vez neste estrangeiro, senti pesar sobre ele uma suspeita, que falcava da data da sua vinda para Portugal — 1912.

— Se V. visse os retratos dos indivíduos que



O tenente Fontan seguindo atrás da carroça, o seu resguardo para a colocação do cartucho de dinamite

estavam no jornal, ao lado do «fadista-francês», seria capaz de os reconhecer?

— Eu cá não prometo, mas... Chamei o arquivista e dei-lhe uma ordem por escrito... Vieram quatro «fotos» escolhidas, que embaralhei com outras, retiradas ao acaso (o actor Brulé, o escritor «Caballero Audaz», o dr. Asuero, o Staline, etc.).

— Veja lá se entre esses retratos está algum dos que apareceram no jornal...

O guarda-cívico, sem uma hesitação, escolheu três! — «Estes eram, com toda a certeza!»

Mário Domingues, Costa Pereira, Costa Júnior, Benoiel, todos os que estavam na redacção vieram sentir-me ansiosos por verem as «fotos» indicadas. Uma volúpia detriunfo profissional me emocionava. Os retratos eram de Bonnot, Garnier e Valet, os três marechais da quadrilha mais sinistra e trágica do banditismo moderno.

AS PROEZAS TRÁGICAS DO BANDO BONNOT

A minha suspeita, repito, nascera — e há muito — da coincidência das datas. Deve estar ainda, palpante, na memória de todos o caso dos «Bandidos automobilistas de Paris». Vamos recordá-lo, através uma reportagem de Jean Lecoq, no «Petit Journal».

«O primeiro crime da série que alvoroçou Paris e o mundo inteiro foi cometido em 21 de Dezembro de 1911. Um cobrador de Banco de nome Caby dirigia-se à sucursal da «Société Générale», na Rue Ordener, sobraçando uma pasta com alguns milhares de francos, quando um indivíduo avançou para ele, desembolsando rapidamente a pistola e disparando-lhe dois tiros na tábua do peito. Caby caiu, redondo, e o assassino, ajudado por cúmplices que vieram em seu auxílio, arrancou-lhe a pasta. Como o pobre cobrador resistisse ainda, acabaram por o matar com novos tiros, correram para um «auto» que os esperava na esquina da rua, e, disparando contra a multidão, fugiram em grande velocidade. Cinco dias depois um velho capitalista e a criada que viviam em Thiais eram assassinados e roubados em 20.000 francos por esse grupo de bandidos, que tinham vindo e partido em automóvel. No intervalo destes dois crimes duas lojas de armas, uma na Rue de Lafayette e a outra no Bl. Haussmann, eram assaltadas. Os gatinhos, que usavam um automóvel de boa marca, tinham-se apossado de numerosas pistolas, carabinas e munições. Preparavam-se para proezas de maior vulto...



Garnier

A polícia, alarmada, não tardou em saber que se tratava de um bando perfeitamente organizado e composto de falsos anarquistas. O seu quartel-general era na sede de uma folha intitulada «L'Anarchie», em Romainville. A directora desse jornal, Ana Riette, era quem ocultava todo o bando. Reuniam-se em casa dela para dividir os butins das proezas e para combinar novas façanhas. O uso dos automóveis dava aos facinorosos uma grande vantagem sobre a polícia, que não dispunha, nessa época, dos recursos actuais. Após o crime, abandonavam o carro numa estrada deserta e dispersavam-se, indo cada um para seu lado,

para só se reunirem de novo quando lêssem no jornal um convite redigido em linguagem cifrada.

De Janeiro a Março de 1912, a sua actividade e audácia atingiram o inverosímil. Informam de Gand que foram roubados vários «autos» e assassinados um «chauffeur» e um guarda-nocturno. Depois atravessam o norte da França e aparecem em Nimes, onde repetem o assalto ao cobrador, matando um pobre rapaz que saía dum Banco com 10.000 francos. Regressam a Paris, escamoteiam o automóvel dum negociante, para substituírem o que lhes serviu em Nimes e que eles abandonaram à entrada de Paris para interromperem a pista da polícia. No dia 27 de Janeiro, às 7 da tarde, um «auto» desce, em grande velocidade, a Rue de Amsterdam, sendo obrigado a parar na Praça do Havre, devido a um cruzamento de carros. Um polícia avança para ele, para multar o «chauffeur», e como este e os seus companheiros esboçassem uma fuga, o agente trepa para o «auto». Ouvem-se três tiros; o polícia cai, fulminado, e o «auto» parte em louca vertigem. Nessa mesma noite os bandidos assaltam o escritório dum notário de Pontoise, levando 30.000 francos.

A série trágica continuava durante dois meses, sem que seja possível prender os criminosos, até que em 25 de Março eles cometem a sua mais horrenda proeza. Um automóvel que seguia, às 8 da manhã, pela estrada de Fontainebleau-Paris é assaltado por seis bandidos mascarados que matam o «chauffeur», ferem gravemente o patrão e, apoderando-se do carro, partem rapidamente para Chantilly, só parando frente à sucursal da «Société Générale». Enquanto um dos bandidos fica ao volante, os outros cinco apeiam-se, todos com os rostos velados. Quatro invadem o Banco de revólver em punho; matam instantaneamente três empregados e ferem quatro. Entretanto, à porta da «Société», o quinto bandido, armado dum carabina de repetição, dispara, sem hesitação, contra todas as pessoas que esboçam o gesto de se aproximarem. Esvaziado o cofre, que continha algumas centenas de milhar de francos, correm todos para o «auto», que parte, na máxima velocidade, na direcção de Paris. Telefonam para a Prefeitura; enormes forças de polícia e gendarmes ocupam todas as entradas da capital, prontas a reter qualquer automóvel suspeito. Mas o «auto» dos bandidos é encontrado, abandonado, às 11 horas da noite, a 2 quilómetros de Paris. Os bandidos, prevenido as medidas tomadas, tinham saído do carro, e cada um deles entrara em Paris por sítios diferentes, tranquilamente, sem despertarem a mínima suspeita... A França estava rubra de indignação. No assalto a Chantilly, o homem da carabina ferira e matara mulheres, crianças, cidadãos pacíficos... Os jornais berravam contra a polícia. A polícia inteira, reforçada de «detectives» vindos da província, não se ocupava senão dos bandidos automobilistas.

Uma nova luta, rija e sangrenta, se preparava, mas agora era entre o bando e a polícia.



Zuavos e civis que tomaram parte no assalto

A BATALHA DE CHOISY-LE-ROI

Graças ao esforço dos inspectores, já se conheciam todos os membros da quadrilha — os seus nomes, os seus cadastros, as suas fisionomias. Eram vinte e cinco ao todo. Em 12 de Março prendia-se a hospedeira do bando; em 31 do mesmo mês, em Berck-sur-le-Mer, detavam a mão a Soudy — o homem da carabina. Pouco depois caía na rede policial Carrory — muito conhecido pelos crimes cometidos na Bélgica, donde conseguira fugir. Foi preso quando tentava embarcar na estação de St. Lazare — mas só o dominaram depois dele ferir gravemente três inspectores. O filósofo do bando, Raymond Calémin, alcunha-



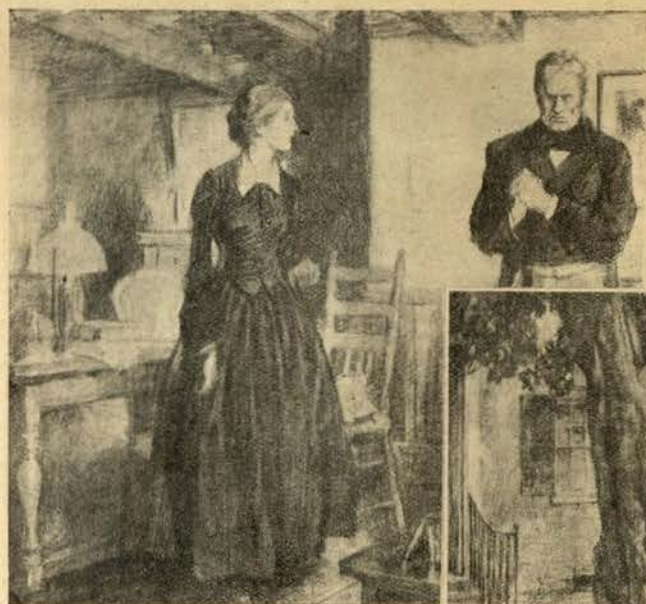
O quarto onde se encontraram os corpos de Garnier e Valet, vendo-se o colchão manchado de sangue. Nas paredes, também manchadas, notam-se buracos de balas

do de «Raymond-la-Science», era preso por sua vez em 7 de Abril, na Rue d'Auvergne. Confessou ter tomado parte no atentado da Rue Ordener, da Praça do Havre e de Chantilly. Mais quatro presos de pouca monta se efectuaram nessa semana.

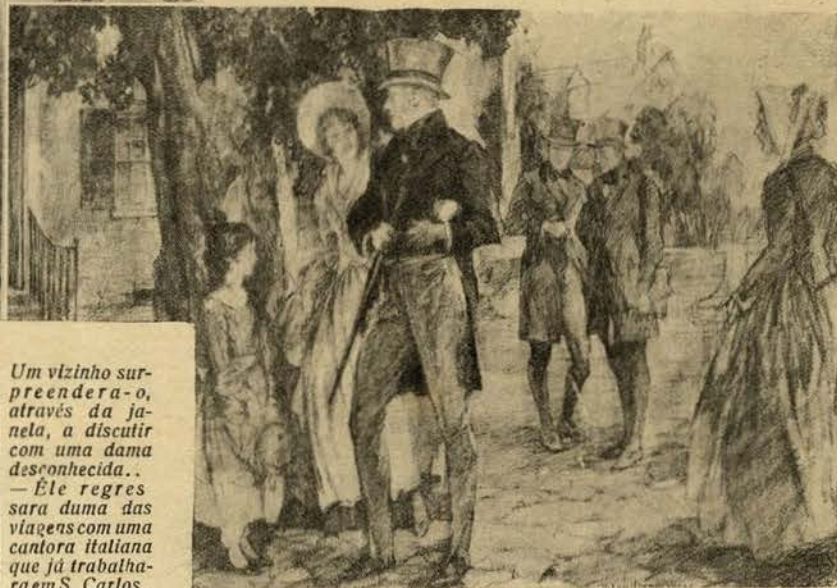
Mas os chefes, as feras autênticas de todo este banditismo, continuavam em liberdade. Eram Bonnot, Garnier e Valet. Garnier e Valet eram «metteurs-en-scène» das façanhas, os organizadores da quadrilha; Bonnot era o executor, o mais terrível, cruel, impiedoso e feroz de todo o bando. Tinha trinta e seis anos, descendia dum boa família e, como os outros dois, mostrou, desde a infância, uma inteligência invulgar e os piores instintos.

O público impacientava-se. A imprensa protestava. A polícia não tinha uma hora de repouso. Em 24 de Abril, Jouin, sub-chefe geral da polícia, recebe a denúncia que Bonnot está escondido em casa dum funileiro, em Ivry. Parte imediatamente para o local, acompanhado de três inspectores. Bonnot recebe-os a tiro, mata instantaneamente

(Continua na pag. 13)



UM BARBA AZUL PORTUGUÊS DO SÉCULO XVIII



Do bigamo Serpa Cavalheiro aos misterioso Landru, sintonista Gilles e sultanesco Augusto Vieira Mendes.

Um vizinho surpreendera-o, através da janela, a discutir com uma dama desconhecida... — Ele regres sara duma das viagens com uma cantora italiana que já trabalhava em S. Carlos..

As notícias da província, entre aquelas fastidiosas partidas e chegadas dos abastados lavradores, honrados comerciantes e nossos ilustres amigos, costumam às vezes apresentar-nos verdadeiros filões jornalísticos. Há tempos, na correspondência de Trás-os-Montes para um grande diário lisboeta, apagava-se, na estreiteza de meia dúzia de linhas que poucos leram, a seguinte semente para uma grande reportagem que ficou inédita: «As autoridades locais requisitaram à polícia de Lisboa e Porto a prisão de António Serpa Cavalheiro, recém-chegado do Brasil, que é acusado do crime de bigamia e que se supõe que esteja oculto numa dessas duas cidades.» Já se vê que o acontecimento, relatado nesta avareza de pormenores, não permite a profecia do seu alto interesse a quem não for bruxo ou cartomante. Felizmente para nós, um conterrâneo do Serpa Cavalheiro em foco (em foco e em liberdade, visto que não o prenderam ainda) escreve-nos, sobresaltado com a impunidade e silêncio de que goza o criminoso, e põe tudo em pratos tão limpos como se fossem leixiviados. Ei-los — aos pratos: «Sr. Redactor: A imprensa, que devia estar alerta sempre que se dão casos como este, que traz indignada toda esta população, limitou-se, graças ao parentesco do António Serpa Cavalheiro com o sr. Queiroz (?), a noticiar o mandado de captura existente contra ele — sem explicar a causa desse mandado. O Serpa Cavalheiro, que é filho do falecido pároco desta freguesia, casou aos vinte anos, contra a vontade do pai, com Rosalinda Pires, uma moça muito honesta e a quem ele enganara primeiro com promessas que não cumpriria se não fosse a mãe da moça, que era menor, queixar-se ao administrador. Cinco meses depois do casamento, o pároco fez-lhe as malas e expediu-o para o Brasil — sem se importar com a mulher, que amamentava um petiz de meses e estava em vésperas de ter outro. Isto foi em 1900. Recordo-me da data porque ness: ano saí eu da tropa. Rosalinda e os filhos passaram muita fome — e saíram há mais de 25 anos desta freguesia, sem deixarem rastro. O Serpa Cavalheiro, que fez fortuna, e grande, no Brasil, voltou a Portugal em 1923 e comprou uma casa cá na terra, em 1926, onde passava uns meses todos os anos. Vinha casado com uma mulata brasileira — e explicava, a quem o queria ou-

vir, que recebera na Baía, há muito tempo, a notícia da morte da Rosalinda. Há coisa de uns três anos chegou cá à terra sozinho, sem a mulher e todo carregado de luto. Que a esposa falecera com um tifo ou outra qualquer doença. Começou logo a cortejar a sr.^a D. Maria dos Santos, filha dum lavrador e viúva também, não tardando a casar com ela. Estavam ainda em lua de mel — quando desembarcou uma dama estrangeira de aspecto muito esquisito, que perguntou logo pela casa do sr. Cavalheiro. Trazia «uma data» de malas com «rótulos» de vapores, como se viesse duma viagem pelo mar. Quando a tal estrangeira apareceu em casa do Serpa — Mãe do Céu! — que escândalo. Berrava ela, berrava ele — e numa lingua que ninguém os entendia. Até se juntou povo frente às janelas! O que eu sei é que no dia seguinte a sr.^a D. Maria dos Santos voltava para casa do pai — e nem este nem ela saíram da quinta, esquivando-se a todas as explicações. Resumindo: O Serpa, envergonhado — se tem ainda vergonha —, foi para o Porto ou Lisboa e só cá apareceu o ano passado. Já se sabia que se divorciara de D. Maria — mas o que ignorávamos é que... tornara a casar e com quem!? Com uma garota que, pelos modos, era operária numa fábrica em Alcântara e que ainda não aprendera a usar chapéu! Foi nessa ocasião que se descobriu tudo. Coincidiu aparecer por cá um rapaz que vivia em Braga — e que era nada menos do que o filho da Rosalinda. Quando lhe contaram que o pai viera do Brasil casado, que enviuvara, que casara, que se divorciara e que casara outra vez, o moço ficou indignado — gritando que a sua pobre mãezinha ainda estava viva, muito moída de desgostos e de privações. Logo que constou esta notícia ao sr. administrador, este declarou que ia prender o Serpa. Mas o Serpa teve bicho de orelha porque se escapou com a nova mulher antes que o prendessem. Apurando a questão soube-se que não só a mulata não morrera como aquela estrangeira que viera armar o escândalo também era sua esposa.

O Serpa, como é rico, arranja sempre quem lhe forneça os papéis em ordem, como certidões de óbito, etc.; e quando se farta das esposas, dá-lhes uma boa maquia, promete-lhes uma pensão real e manda-as para muito longe. Foi por ter faltado à tal estrangeira que ela veio do Brasil exigir-lhe o cumprimento do pacto, sob ameaça de o denunciar à polícia. A D. Maria ouviu tudo, separou-se do marido — e se se calou foi por vergonha. Com o que ele não contava era que a Rosalinda aparecesse e desse com ele! O Cavalheiro — e que cavalheiro! — é bigamo e tem nada menos do que quatro esposas vivas, sem contar com a divorciada. O Barba Azul ao lado dele é um Landro de mama! E' preciso que este criminoso sofra castigo que merece. Seu leitor e admirador, etc. João Ribeiro.»

OS BARBA AZUL

Escusado será dizer que até à data o Serpa Cavalheiro não foi preso, e boas pernas deve ter quem lhe fôr na peugada.

Estamos convencidos de que existe uma enfermidade psíquica, uma tara, que sendo uma consequência do sadismo possui caracteres diferentes ou especiais e que se podia catalogar sob o título de «landruismo» ou «barba-azulismo». . . *Sans blague*. . . Que prazer natural e sadio pode explicar a mania destes bigamos, casando-se e recasando-se, desfazendo-se das esposas *transactas* a peso de ouro, ou a peso de... machado (porque nem todos os bigamos podem dispor da fortuna do sr. Serpa Cavalheiro)? Para uma sensibilidade equilibrada e normal, nenhum! O sádico, por muito agonizantes e repugnantes que sejam as suas proezas, pode defender-se pelo excesso do sensualismo que se lhe alastra tanto pela epiderme como pela imaginação, ultrapassando todas as fronteiras do normal, do pudor e até da própria sensibilidade. Mas o Barba Azul diagnosticado, não. O prazer não está no excesso de sensualismo, na variedade

da posse ou no capricho alucinado da forma e do estilo: reside apenas em casar-se; em casar muitas vezes, como para o vampiro de Dusseldorf o máximo petisco era assistir à destruição das propriedades que incendiava ou às convulsões agônicas das pobres vítimas que degolava ou picava de facadas. Se se tivesse feito um estudo pachorrento, profundo e sábio a Landru, se fosse possível radiografar-lhe a alma como se radiografam os pulmões, concluiríamos que o segredo das cinquenta mortes que ele praticou, cinquenta pobres esposas quarentonas, *fanées*, sem encantos espirituais nem físicos, que ele assassinou, reduzindo-as depois a torresmos, não estava no vampirismo de as assaltar em plena ilusão de amor e no terror e no pasmo de verem surgir do noivo galanteador o diabólico matador, nem na cubícia de se apoderar dos modestos «pés de meia» das vítimas (algumas não reñiam mais do que 200 ou 300 francos e ele sabia-o), e muito menos no sadismo da posse, mas sim na mórbida emoção de se casar ou de se amancebar muitas vezes por ano ou por mês, dando a cada uma o convencimento de um lar eterno... Incompreensível? Será! Mas todas as taras o são para quem não é escravo delas. E os próprios tarados, quando os interrogam, esquivam-se a explicar-se porque não têm explicação, como explicação não tem que uns gostem de tripas à moda do Porto e outros delirem com *sandwichs* de cebola e alho.

E esta psicose não é rara nem nova. Nos últimos tempos tem-se repetido com uma frequência assustadora, mas ela já vem das profundezas dos séculos... O que era o muito nobre sr. Gilles de Laval, marechal de França, mais conhecido pelo Barba Azul, senão um Landru medieval ou um António Serpa Cavalheiro seis séculos mais antigo e em maior escala?

O SEGRÊDO DO NOBRE SENHOR GILLES DE LAVAL

¶ Gilles de Laval, barão de Rais, descendente de uma nobre e ilustre família, marechal de França, contava apenas vinte e cinco anos quando lhe confiaram o comando supremo das tropas reais. Mas dava Deus tropas a quem não tinha dentes. Aborrecia-se nas guerras e atormentava-o a nostalgia dos seus estudos científicos (?). Cozava a vaidade de ser considerado um erudito. Protegia artistas e intelectuais, e para viver rodeado de mandriões que lhe exploravam a toleima, esbanjou rapidamente a fortuna. A ruína ameaçava-o, quando um dia conheceu numa prisão de Angers um soldado, prêsob sob suspeita de praticar bruxarias. Pícou-o de curiosidade um livro em que o prisioneiro estava mergulhado, um dos muitos tratados de magia que abundavam na Idade-Média. Para poder iniciar-se nas fórmulas insinuadas nessa obra, o soldado indicou-lhe um feiticeiro italiano. Gilles hospedou-o no seu castelo, e o mago, jurando-lhe conhecer o segredo da pedra filosofal, (o iman de toda a ciência da época (tão povoada de magos e alquimistas misteriosos ou trapaceiros), prometeu-lhe fabricar todo o ouro que ele quisesse. Para isso era necessário que Gilles confiasse nele, lhe obedecesse, se *intitasse na magia*... Simultaneamente toda a região que rodeava o castelo sofreu como que a invasão universal de vampiros, como que o peso duma maldição silenciosa, como que a fatalidade de uma praga...

Moças, mulheres, crianças mesmo, desapareciam, como que devoradas por monstros inaccessíveis aos olhos humanos ou levadas por fantasmas ou engulidas pelos alçapões directos do Inferno. Raro era o dia em que não ocorriam vários mistérios deste quilate. Rara era a casa, a família, que não sofresse esta escamoteação angustiosa. E, para agravar a tempestade de terror que chicoteava aquelas almas, os desaparecimentos, cada vez mais amindoados, coincidiavam com choros, lamentos, berros, gemidos, vozes empapadas em mistérios, e que, parecendo surdirem do solo ou caírem do céu... só eram distintos nas cercanias do castelo... O povo começou a orientar o seu alarme... Um frémito de terror intuitivo acudia às aldeias quando se lhes acercava o marechal... A sua barba negra, duma negrura tão coagulada que, ao

sol, parecia tingir-se de refulgências azuladas, maquiagem o rosto do castelo com características satânicas que apavoram. Um criado fuge do castelo, e como um algem que tivesse estado no reino de Satanaz e regressasse com vida à terra, revela, alucinado, parte do segredo... Ele, que há muito vivia num sobressalto contínuo, surpreende, uma madrugada, o marechal assassinando uma jovem, arrancando-lhe o coração... O grito de revolta — «Morte ao Barba Azul!!!» — explode de todas as gargantas. O castelo, que hospedara Luiz XI da França, é assaltado pelo povo e pela justiça... Descobrem dezenas de cubículos; em cada cubículo o cadáver de uma jovem, vestida de noiva, o peito esburacado, vazio de coração. Prêsob, Gilles de Laval não nega os seus crimes. Pelo contrário: elucida os juizes com uma minúcia calma, própria dos feiticeiros medievais, que julgavam apoderar-se em vida de todos os segredos da morte e dominar eternamente. Tinha sido o seu mestre — o alquimista italiano — quem lhe ensinara a fórmula de todas as venturas: a da riqueza, a da juventude, a da vida para além da morte — ao preço, apenas, do sacrifício de muitas virgens. Ao princípio ele matava apenas em obediência ao mestre... Depois, não... Outro era o seu segredo... Raptava as pobres moças; convencias-as de que as amava; casava-se com elas; e a noite de núpcias era a tragédia de lhes arrancar o coração... Dezenas de corações colecionara... dezenas de inocentes sacrificara à sua loucura...

... Este Landru medieval, ou seja este Serpa Cavalheiro do século XIII, ficou na tradição dos po-



Gilles de Laval, marechal de França

vos. O sabor macabro da sua história foi perdido a sua intensidade sangrenta, até ao extremo do título de Barba Azul ser uma chalaça... Os *vau-devillistas* parisienses do século passado acabaram por ridicularizá-lo escrevendo uma peça sobre esse assunto histórico e com esse título, caricaturando o marechal Gilles numa espécie de *clown*.

Mas nem todos os Barba Azul são assim *grand-guignolescos*... Um existiu em Portugal nos finais do século XVIII, princípios do século XIX, cujas façanhas vêm normalizar os nervos que trepidaram de horror ante a evocação dos crimes de Gilles de Laval...

LANDRU NACIONAL

Chamava-se Augusto Vieira Mendes, era filho de boa família; estudara em Coimbra e o príncipe regente chegou a nomeá-lo, não sabemos com que cargo, para a nossa legação em Viena. Quem conhece bem a sua existência — e obras — é o pai do ilustre advogado dr. Máio da Cunha, que herdou o diário de um antepassado, amigo íntimo do herói e seu confidente após a explosão do escândalo.

Rico, riquíssimo, parecia amar as viagens, sendo tido pelas pessoas da sua categoria social como um maníaco visto que, desde muito novo, desprezara relações, cortara com amizades, mostrando-se

intransigente ante todas as convívências, mesmo as mais supérfluas. Não visitava nem recebia visitas. Não convidava nem aceitava convites. Apesar das dificuldades e incómodos que representavam, na sua época, as deslocacões, raro era o ano em que não ia ao estrangeiro. Desprezando o palácio que herdara dos pais — e que ainda hoje existe, próximo da Academia das Ciências —, mandou construir, sob planos seus e com operários estrangeiros, uma casa para as bandas de Bemfica, onde mais tarde esteve o popular *restaurant* «Vasco da Gama».

Manteve os seus hábitos solitários desde os vinte e cinco até aos quarenta anos. As suas excentricidades eram faladas, sobretudo na vizinhança. Não tinha criados, e era este detalhe que mais intrigava os bisbilhoteiros. Como era possível que um homem — e um homem como ele e da sua categoria — se aviesse, sozinho, no arranjo e limpeza do lar? Uns cochichavam que adentro daquelas portas devia existir um magnífico «chiqueiro»; outros torciam o nariz e falavam em mistérios. No regresso dalgumas viagens houve quem o visse acompanhado por uma linda mulher, em que uns reconheciam certa cantora italiana e outros uma famosa cortesã parisiense. Se eram amantes, onde as abrigava?...

Os anos rodaram, e um dia, um vizinho entretive-se a espreitar, de janela para janela, o que se passava na sala do nosso herói. Julgou ao princípio estar sonhando. Havia uma mulher naquela casa, e ele estava discutindo com ela. Mas foi a única vez que a viu. As janelas da casa de Bemfica não voltaram a abrir-se.

Quem desencadeou o escândalo foi um leiteiro, e isto quando Augusto Vieira Mendes se acercava da velhice. Um inverno achacou-se; e ele, que saía invariavelmente todos os dias, trazendo, na caruagem que ele próprio guiava, os artigos necessários à sua alimentação, viu-se obrigado a solicitar dos lojistas da vizinhança o fornecimento do lar. No primeiro dia encomendou três litros de leite; no segundo, cinco, e no terceiro, dez. E como simultaneamente a esta gloseima pelo leite (que nem com o pretexto da dieta se explicava) comprava carne e legumes com abundância, as intrigas, durante tantos anos abemoladas, irromperam em berreiro até tomarem a forma de suspeitas graves, embora não houvesse motivo para defender essa gravidade e essas suspeitas. E como não havia motivo, inventaram-no, jurando que naquela casa se passavam factos anormais que traziam alvoroçados os vizinhos. E um destes vizinhos, influente na Intendência, conseguiu que, em 1827, Augusto Vieira Mendes fosse visitado pela justiça que, contra a sua resistência, lhe devassou toda a casa... Qual não foi a surpresa dos «moscas» ao descobrirem várias alcovas, orientalmente luxuosas, mas bem trancadas e sem outra respiração do que a que vinha por meio de ralos e tubos, onde viviam sequestradas oito mulheres, quasi todas de nacionalidade diferente: italiana, francesa, inglesa, espanhola... e até uma negra da Martinica. Este Barba Azul, vítima de uma psicose idêntica à de Landru e à de Gilles, embora muito menos sanguinária, iniciara o seu harem casando-se em Paris... com a negra, que era formosa e que descendia de uma endinheirada família colonial. Feito esse casamento, trouxe a esposa para Portugal e logo a deixou sozinha na casa de Bemfica, voltando às suas andanças pelo mundo, casando-se de novo, com documentos falsos, em Roma, com uma cantora que já trabalhara em S. Carlos. De regresso a Lisboa, recolheu-a uns dias numa hospedaria e apresentou à negra o seguinte dilema: «ou ela se resignava a que trouxesse para casa as mulheres que lhe apetece e ela (a esposa da Martinica) delas cuidava e as guardava como carcereira — ou então separava-se e reexpedia-a para França. A pobre colonial, por amor, por medo ou pelo pudor de se apresentar de novo à família ou por insensibilidade moral, aceitou o pacto. A partir de então, raro era o ano em que Augusto Vieira Mendes não trazia uma nova hóspede, esposa relativamente legítima (ele casou-se sempre em pais diferentes *et pour cause*) ou apenas amante.

(Conclue na pag. 14)

Profetas, profecias e o fim do mundo

(Continuação da pag. 5)

barris; quando quiserem o 13.º, fogue-lhes um dos cinco.»

O QUE DIZEM OS SÁBIOS

Já os profetas católicos prevêem, entre o ano de 1932 e 1935, uma segunda Atlântida. A coincidência não é das mais tranquilizadoras. Embora alguns, mais pessimistas, garantam a liquidação total da Terra — a grande maioria contenta-se com a escamoteação dum continente. Nós, homens do século XX, o menos que podemos fazer nestas circunstâncias, sem transgirmos em absoluto com os profetas, é ir, prudentemente, consultar os sábios. Flammarion, o mais popular dos astrónomos modernos, falecido há pouco, não desmentia, neste capítulo, os visionários. Ele e muitos outros «leitores assíduos dos astros» sentiam certa inquieta-



A Humanidade inteira acordará embriagada voluptuosamente, num bem-estar, num prazer, numa alegria morbida de alcaloide...

ção por este período que vamos viver... Chegou mesmo a publicar alguns estudos sobre as várias hipóteses científicas do fim do mundo.

O mundo — ou antes a Humanidade, porque somos nós, e não a crosta que pisamos nem o envólucro que nos aprisiona, o que nos interessa — pode extinguir-se, segundo os sábios, de maneiras diferentes. Primeira: pelo frio e pelas trevas. Sendo a Terra um planeta parasitário da luz e do calor e só se podendo fornecer (permita-se-me o termo mesquinho e comercial...) do Sol, a evolução da Terra no espaço e os achiques do Sol ameaçam-nos, para um futuro difícil de prevenir — próximo ou longínquo —, com esta trágica expectativa... o dia ir minguando pouco a pouco, dilatando-se as noites até ao extremo de vivermos permanentemente em luz artificial, e, ao mesmo tempo, os invernos alargarem-se, agravando os seus rigores, atingindo temperaturas tão baixas que o homem morrerá de frio, tornando-se então o globo numa enorme sorveteira. Note-se... a darmos crédito ao

Wells — e ele merece —, este problema do frio e da escuridão, que é para nós ainda vago, deve ter tomado sérias proporções para os marcianos, caso Marte seja, de facto, habitado. Daí a admirável fantasia daquele escritor britânico, na «Guerra dos Mundos», em que os marcianos — uns entes hiper-civilizados, que abdicaram há muito do estômago e de todas as entranhas supérfluas (só cérebro, tentáculos e olhos) —, vindo-se na necessidade de emigrarem pela falta de calor e de luz, acentuada em Marte há já bastantes anos, resolvem vir à Terra, dentro de balões enormes, apetrechados com todo o material que a sua ciência, logicamente muito mais avançada do que a nossa, criou, para declararem uma guerra de extermínio aos habitantes deste planeta, muito inferiores a eles, e mudarem-se depois para cá — como outrora as tribus nómadas mudavam de região pela necessidade do pasto, ou como nós mudamos de casa por causa da renda... Na genial *blague* de Wells, os marcianos, após sucessivos desastres infligidos aos melhores exércitos da Terra, graças apenas a três aparelhos — espécie de torres Eiffel andantes que projectam raios destruidores, liquefazendo todos os regimentos, casas, castelos, artilharias, cidades que holofotam — são por fim vencidos por um inimigo com que a sua providência de hiper-civilizados não contava, por não suporem que os habitantes da terra os suportassem ainda: os micróbios...

Segunda hipótese: pelo derramamento de oxigénio ou de outro qualquer gás, provocado pelo choque com qualquer cometa. A visão desse fim da Humanidade tem vários aspectos. Uns, sofríveis, como, por exemplo, o de um belo dia começarmos todos a sentir-nos como que embriagados, sob uma estranha volúpia íntima que nos enche de prazer, um bem-estar intenso, um saboroso nervosismo, uma agradável exaltação a dominar-nos. Nesse dia ninguém pensa em trabalhar, ninguém sofre desgostos, preocupações, ninguém pensa em tristezas ou teme perigos ou se tortura com desgostos... Andaremos pelas ruas, abraçando-nos, amando-nos moral e materialmente, sem o mínimo respeito pelas convenções sociais, apenas em obediência a um mútuo desejo de seres de sexo diferente; beberemos e comeremos o que nos apetece, porque em nenhum *restaurant* ou *bar* ou «café» nos pedirão contas: pelo contrário, sentir-se-ão muito lisongeados; tomaremos os combóios ou os vapores que se destinem aos países mais longínquos, realizaremos as viagens mais caras e ambicionadas, sem que sejam necessários passaportes, bilhetes ou dinheiro... Passadas umas horas — ou dias — de vigília contínua, sem o mínimo cansaço, seremos invadidos por um sono suave, um sono de alcaloide, e será com delícia de todos os sentidos que nos deixaremos adormecer, para nunca mais acordarmos... De todos os fins do mundo é este o que mais nos convém. Infelizmente o fim do mundo não se encomenda

do *Leão de Ouro* ou dos *Irmãos Unidos* e seremos obrigados a visionar outras hipóteses menos alegres. A terceira, por exemplo: a da loucura colectiva, provocada, da mesma forma, pelo envenenamento da atmosfera, causado pelo contacto de qualquer cometa, intoxicando a Humanidade.

Que se fantasie o que seria a Terra quando todos os seus habitantes abandonassem os lares, alucinadamente, pelas mais variadas psicoses, cada um com a sua mania, uns dando-lhe para a ternura, para o misticismo, para a tristeza, para a mansidão, outros com tendências epilépticas, esperneando, pinoteando, esbracejando, prontos a agredir ou assassinar todos os semelhantes, uns a berrar, outros a blasfemar, outros a cantar... Que se imagine o quadro de toda a Humanidade ensandecida, quando ela com juízo é... o que é.

Faltam ainda três hipóteses: duas representam uma morte rápida, embora mais dolorosíssima do que a outra. O fim pelo fogo: um choque de planetas ou uma inflamação súbita, e todos os continentes, cidades, casarios e corpos seriam uma só labareda e o fim pela destruição, provocado também por um choque de um planeta, maior, mais *duro*, mais *robusto*, do qual sairíamos estilhaçados em biliões de fragmentos, tejos, avenidas, pernas, palácios, cofres, crânios, numa chuva de destroços que ficariam a girar no espaço, como minúsculos piões, até se diluírem no Nada Supremo, que é a razão, fonte e cemitério de todas as coisas, desde os astros de maior grandeza até aos bacilos mais microscópicos...

Última hipótese: o fim pela água. É o mais verosímil de todos. Já houve, segundo reza a tradição, uma ameaça: a do dilúvio, seguido da submersão da Atlântida. Os mares, dilatados por chuvas catadupantes, a transbordarem, trepando sobre os mais altos diques, submergindo os litorais, os continentes, a terra inteira. O que seria de Lisboa, então, a água a crescer pelas ruas, o povo galgando os telhados, a água a persegui-lo, mas, num esforço supremo, tentando salvar-se a nado, sem encontrar margem de salvação, ou, sem esse recurso inútil, a afundar-se: os mais agigantados edifícios a desaparecerem da vista com todos os recheios que a ambição humana amealhou durante séculos; os assaltos aos navios, insuficientes para abrigarem todos os naufragos desta catástrofe universal...

Puff! Pensem noutra coisa. Existe, numa aldeia americana, um maduro que, por causa das dívidas, construiu uma arca igual à de Noé... Vieram fotografias da arca e do construtor em todos os *magazines* do mundo. Seria prudente que começassem a marcar os nossos lugares...

«Ecks»

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Metais

Ferramentas

Rua do Loureiro, 86-92
TELEFONE, 434 — PORTO



GOMES DA SILVA, L.^{DA}
ESPECIALISTAS

Balanças

Artigos para a Industria

Bonnot surge em Lisboa em 1931?

(Continuação da pag. 9)

Jouin, fere dois dos inspectores (um dos quais poucas horas durou) e consegue fugir pelas traseiras da casa. Quatro dias depois os agentes apanham de novo a pista. Bonnot está escondido num casebre de Choisy-le-Roi. Fazem-lhe um cerco em forma — e desta vez, após uma resistência desesperada, é ele que cai, picado pelas balas da policia. Faltam Garnier e Valet. Estão refugiados numa



Abrigado por uma carroça cheia de palha, o tenente Fontan coloca o cartucho de dinamite

casa de Nogent sur-Marne. Sabem que estão perdidos — mas querem vender caro a pele. Mr. Lepin, o célebre prefeito da policia, é que dirige pessoalmente o ataque. Toda a policia de Paris, a gendarmeria e ainda um regimento de zuavos lutam, em vão, contra os dois bandidos entrincheirados! Por fim, um oficial da Guarda Republicana, abrigado por detrás de uma carroça cheia de molhos de palha, avança até à fortaleza dos facinorosos e deita-lhes uma bomba explosiva. Só assim os conseguiram dominar. Quando os agentes invadiram a casa — estavam ambos mortos. Garnier tinha 22 balas no corpo!

Dos outros — três foram guilhotinados; quinze condenados à Guyana e três, de menor categoria, conseguiram escapulir-se à policia e nunca mais se soube o que foi feito deles.

UM PORTUGUÊS QUE OS VIU GUILHOTINAR...

Um episódio tragi-cómico. Os três condena-

dos à morte conservaram até ao patíbulo uma serenidade cínica e irónica. Um dos nossos camaradas de redacção, o sr. Carlos de Carvalho, antigo oficial do exército, que viveu muitos anos em Paris e que assistiu à execução destes três facinorosos, conta-nos o seguinte: «Quando se abriu a porta do carro celular que os trazia à guilhotina e os ajudantes do carrasco foram buscar o primeiro para o conduzir à morte — entre os três estabeleceu-se uma disputa, sinistra pelo tom farsista com que eles falavam: — «Primeiro tu, Raymond...» — «Não, por quem és... Primeiro tu, «Zózo», que és mais velho...» — «Antes de mais nada, a cortesia. Passa tu, Jean.» — «Não senhor... Honra à inteligência!... Primeiro tu, Raymond!» E assim estiveram uns minutos, trocando... da sua própria tragédia — a dois passos da guilhotina e ante o olhar pasmado dos verdugos!»

O CHEFE INVISÍVEL

Como já dissemos — três membros do bando, dos menos categorizados, conseguiram escamotear-se pelas malhas da policia, sem deixarem rastro e sem que se soubesse nunca o que foi feito deles. Ora muito bem. Pouco depois da execução de «Raymond-la-Science» e seus dois companheiros do patíbulo, Stephane Lauzanne publicou em *Le Matin* um artigo que produziu grande celeuma e que impressionou profundamente toda a França. Recordamos os seguintes trechos: «O que a policia não conseguiu nunca apurar foi o destino que os bandidos deram às enormes somas de que se apossaram. Embora vivessem como príncipes, nos intervalos dos seus crimes, não podiam ter gasto perto de 3 milhões de francos, que a tanto soma o produto dos seus roubos (está provado), não lhes sendo encontrado senão algumas notas



Civis e militares na caça aos bandidos

de 50 e 100 francos. Além disso, em todos os actos pessoais desses facinorosos e nas proezas praticadas em conjunto, adivinhou-se sempre a mão invisível de alguém que na sombra os guiava, os protegia e... lhes guardava o dinheiro. Esse alguém devia ser muito poderoso... Esse alguém devia impôr-se com um estranho poderio — visto que Raymond, por exemplo, que não temia a morte, temia esse chefe misterioso, não sendo possível arrancar-lhe uma só palavra a tal respeito. Quando nos interrogatórios o evocavam, ele e outros empalideciam e calavam-se, como que acovardados. Seria esse alguém tão poderoso que os bandidos pudessem

esperar dele, à última hora, a salvação? Outro sintoma ainda: Como é possível que três dos mais modestos membros do bando escapassem à policia, sem deixar rastro.»

Um desabafo, para terminar: a pensão quantiosa que o «facinoroso francês» recebe regularmente da França não será um argumento em favor da hipótese apresentada por Stephane Lauzanne?

REINALDO FERREIRA

“OS SEGREDOS DE AL CAPONE”

Por absoluta falta de espaço, somos obrigados a não publicar neste número a continuação das sensacionais revelações do bailarino português Bette Henriques sobre o «Rei do banditismo» de Chicago, que prosseguirão na próxima semana.

«Uma visita ao aerodromo da Amadora»

Por se achar suspensa a revista *ABC*, pede-nos a sua Direcção que declaremos, em seu nome, que o tenente do G. E. A. «República» sr. José Bentes Pimenta não foi o oficial que áquela nosso colega deu a entrevista publicada no seu número n.º 569 de 9 de Julho último sob o título que encima está declaração.

Novela Policial

O MAIOR ÊXITO DA LITERATURA EMOCIONANTE

PELA PRIMEIRA VEZ O NOSSO PÚBLICO POSSUE UMA LEITURA POLICIAL PORTUGUESA, DESENVOLVIDA EM PORTUGAL, COM PERSONAGENS PORTUGUESAS, EM REDOR DE ASSUNTOS PORTUGUESES

Leiam a

NOVELA POLICIAL

AZEITE
SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEPHONE 4697 — PORTO

Mistérios da Rússia

(Continuação da pag. 7)

MINISTRO DA GUERRA

O ano de 1917 marca uma mudança radical nas convicções ideológicas de Boris.

Triunfante a revolução, Kerensky confia a Boris a pasta da Guerra. O fértil organizador de atentados revela-se um excelente estadista. A sua energia consegue reorganizar o exército e fazê-lo permanecer nas trincheiras, e cabe-lhe a glória de atrasar a ignominiosa paz de Brest-Litovsk, impondo a sua autoridade à soldadesca, já muito trabalhada pela propaganda bolchevista.

No começo de Julho, as tropas imperiais chefiadas pelo general Kornilov avançam sobre Petrogrado. Sem forças que o apoiem, Kerensky é vencido, mas o ataque da capital não produz outro resultado que a entronização do bolchevismo com Lenine e Trotsky à cabeça, e Kornilov tem que retirar-se para Narva.

É notório que, imobilizando a guarnição de Petrogrado, para a derrota de Kerensky contribuiu decisivamente o seu Ministro da Guerra, que havia pactuado com Kornilov. A traição de Savinkoff devia-se ao propósito duma restauração im-

sustento do exército que na Sibéria Oriental combate guiado pela bicéfala águia negra dos tsares, percorre as capitais aliadas...

Quando os bolchevistas invadem a Polónia, Boris Savinkoff volta a Varsóvia e, ao lado de Pilsudski, seu antigo camarada de conspiração e exílio, organiza uma vasta rede de espionagem e, à frente de guerrilhas de camponeses, entra a sangue e fogo nas aldeias russas.

Enquanto a derrota bolchevista decide da sorte da Polónia e dos novos Estados do Báltico, os «camisas negras» de Mussolini marcham sobre Roma. Boris corre à capital italiana, tem uma entrevista com o Duce e propõe-lhe um plano de fascismo internacional.

E no sumptuoso Palácio Chigi os dois desertores do primitivo ideal libertário unem-se num estreito abraço...

UM ASTRO QUE SE APAGA

A rutilante estrela da sua sorte apaga-se no horizonte. Boris começa a amargar o fel das decepções. A contra-revolução jaz sepultada nas estepe

russas.

Wrangel, o último caudilho, desapareceu da cena. Surda a todo o auxílio, a Europa dedica-se a cicatrizar as suas próprias feridas...

Savinkoff procura um derivativo nas tarefas literárias, que lhe deram justa fama. Mas a sua alma é demasiado inquieta para se acolher à doçura do repouso. Um belo dia abandona o aprazível exílio de Paris e dirige-se à Rússia. Que se propõe? Reavivar o incêndio da guerra?

Consta que Moscow havia autorizado o seu regresso, fornecendo-lhe um salvo-conduto. O certo é que, ao cruzar a fronteira, é preso e, sem de-

mora, julgado. Como o conselho de guerra tsarista de Sebastopol, o tribunal bolchevista condena-o à morte. Dias depois alcança uma comutação da pena: dez anos de presídio e retratação pública da segunda fase do seu passado.

É possível que o homem que recusou, ativo, a graça imperial se tivesse humilhado ante Lenine?...

CINZAS DA AVENTURA

O tempo segue o seu ritmo inexorável, e em Maio de 1925 surge a notícia do suicídio de Boris Savinkoff. «Aproveitando um descuido do guarda, o preso arrojou-se ao pátio desde o 5.º andar» — reza a versão oficial. Posteriormente, investigações secretas realizadas pelo governo de Praga, a instâncias da irmã do prisioneiro, comprovam que o cadáver foi recolhido, não no pátio da prisão de Lubianka, mas sim na praça do mesmo nome, fronteira ao estabelecimento penal. Esta circunstância afasta a hipótese do suicídio, visto que as janelas de todas as celas, resguardadas por grossos varões, deitam para o interior, e as janelas das salas da Tcheka, situadas na ala interior do edifício, deitam para a praça e não têm grades. Se a isso se junta o facto da certidão de óbito só aparecer uma semana depois do «acidente», não é de estranhar a presunção de que a «liquidação» de Boris Savinkoff teve lugar nas próprias salas da Tcheka e se deitou o corpo por uma janela para dar justificação à hipótese da morte voluntária.

Uma carta recebida pela viuva de Boris Savinkoff contém detalhes que, a serem exactos, não

dão lugar a dúvidas a respeito de crime, ainda que o novo testemunho o dá como executado na cela do recluso. Achando-se em estado de embriaguez, um soldado da brigada especial da Tcheka, chamado Veide, gabava-se de ter envenenado Boris Savinkoff. «Em água fervente para o chá — declarava o esbirro —, deitei um líquido que me deram. Meia hora depois Boris agonizava. O camarada Prowoff, que veio render-me, arrojou o cadáver pela janela.» A carta acrescenta que Veide foi preso «por divulgação de informes respeitantes a um detido no local da Tcheka, e que, seguro da sorte que o esperava, o criminoso optou por se envenenar por seu turno.

Duma maneira ou doutra, o falecimento de Boris Savinkoff parece provado. É verosímil a notícia da «Europa Central»? Pode encontrar-se não e salvo este Príncipe da Aventura? As garras da Tcheka são demasiado afiadas para deixar escapar uma presa, e uma presa do valor de um Boris Savinkoff...

De todos os modos, como se a Vida não quisesse desprender-se de um dos seus filhos predilectos, uma incógnita existe sobre o fim de Boris Savinkoff. E a figura do «Legionário da Morte» é tão sugestiva na sua selvagem grandeza que, aureolada de mistérios, desaparece entre as gazes douradas da lenda...

EDUÍNO DE MORA

Barba Azul

(Continuação da pag. 11)

As luas de mel eram, de facto, doces e normais, mas curtas; e uma vez extintas, as pobres ludiabridas entravam, de noite, por causa da vizinhança, na casa de Bemfica, era-lhes oferecida primeiro uma alcova provisória — de adaptação — e uma vez trancada a porta, o esposo ou amante revelava toda a verdade: ou elas se resignavam, como as anteriores, e seriam bem alimentadas, amadas, acarinhadas, teriam bons livros para ler, etc., etc., ou viveriam igualmente sequestradas mas sem nenhuma comodidade nem prazer. Todas, mais cedo ou mais tarde, se resignavam. Algumas entre elas acabaram por se tornar amigas, e visitavam-se sob a cautela e vigilância do comum esposo. Nas ausências ficava a negra de guarda — e era feroz na defesa dos direitos do seu relativo espóso.

Sei que Augusto Vieira Mendes foi preso e condenado, mas ignoro a pena que sofreu, o seu fim, e o fim das suas oito esposas. É possível que elas tivessem morrido de aborrecimento, ao verem-se livres...

R. X.



Um grupo de policiaes russos

perial? Parece averiguado que o móbil era o proveito pessoal. Savinkoff, apercibendo-se talvez da debilidade de Kerensky, aspirava a derrubá-lo e proclamar-se ditador de todas as Rússias. Mas não tinha contado com o trabalho de sapa dos comunistas nas fileiras do exército. Passando-lhe à frente, Lenine fez do antigo terrorista um inimigo irreconciliável do bolchevismo.

AGITADOR, GUERRILHEIRO E PLENIPOTENCIÁRIO «BRANCO»

Boris Savinkoff inicia uma guerra sem quartel à nova Rússia. A sua proverbial actividade volta a manifestar-se com a eficácia de sempre. Arma os antigos prisioneiros de guerra, forma bandos de franco-atiradores, restabelece, em proveito da recém-abrçada causa, a pavorosa «Legião da Morte», cria um directório contra-revolucionário no Volga e até urde um complot contra a vida do semi-deus vermelho do Kremlin.

Apesar do seu heroísmo, a contra-revolução agoniza nas regiões do Volga e os contingentes ingleses e checoslovacos abandonam o território russo. Só nas margens do Mar Negro se mantem um fantasma de resistência...

Savinkoff passa à França na qualidade de plenipotenciário do Almirante Koltchak, e então vemos que o destino se compraz em reunir na Embaixada Imperial em Paris o terrorista que tinha jurado o extermínio do tsarismo com o último ministro dos Negócios Estrangeiros de Nicolau II.

Fuzilado Koltchak, Savinkoff assume a representação de Denikine e, recolhendo fundos para o

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS LORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sortes grandes!!!

T S F... X

UM FILHO DE PAI DESCONHECIDO... ESPONTANEO!!!

EXISTEM muitas maneiras de fazer fortuna, e não menos de provar que não se nasceu sem dignidade. Todos nós conhecemos o sr. T..., quando ele era um modesto funcionário público, freqüentador de «cafés», palrador e gracioso. Um belo dia, há cinco anos, como que tocado por uma varinha mágica, desapareceu da circulação, para reaparecer sob uma metamorfose completa... belos fatos, dedos a falciscarem anéis, um esplêndido «auto» de luxo, viagens ao estrangeiro, negócios de alta finança... Os mais curiosos perguntavam uns aos outros a fonte milagrosa daquela fortuna, graças à qual, ainda há poucos meses, se salvou uma casa bancária de Lisboa. Só agora se revelou o mistério. A mãe do sr. T... tinha sido cozinheira em casa do conselheiro B... de A... C.... Era uma pobre mulher, muito honesta, que enviuvára cedo e que para sustentar e educar o filho mourojava como uma negra, embora, quando nova, formosa e livre, pudesse ter escolhido qualquer outro caminho mais suave e fácil para viver regaladamente. Não quis, porque era essencialmente honesta. Morreu o conselheiro, e de que se há-de lembrar o sr. T...? De intentar uma acção objectivando a herança quantiosa do falecido, sob o pretexto de que era filho... bastardo. Para alcançar os seus fitos não hesitou em caluniar a mãe, em declarar que ela fôra amante do patrão, ainda em vida do marido (pai... do sr. T...), e que desses amores nascera ele. A pobre velha, ao saber a infâmia que o filho inventára para enriquecer, chorou, cheia de vergonha. Mas que importava ao sr. T... a vergonha e a honra maternas, ou a sua própria honra, se estavam em jôgo algumas centenas de contos? Tanta gente que sofre a tristeza da ilegitimidade do seu nascimento, e este, que podia orgulhar-se de ser filho duma mulher honradíssima, alista-se, voluntariamente, na legião dos descendentes do soldado desconhecido!...

O D. JUAN CHANTAGISTA
E A COSTA DO SOL

EMBORA as espôsas levianas não sejam dignas de grande consideração—é um dever avisá-las do urgente perigo que as ameaça. Vive na Costa do Sol um galá ajanotado, vagamente parecido ao Maurice Chevalier e que dá impressão de ser um recorte vivo dum cartaz de cinema—cuja única ocupação é cortejar damas casadas, e com relativo êxito. O seu bandidismo seria apenas imoral se ele não fizesse da sua sedução uma fonte de receita. Emprega todos os esforços para obter as primeiras cartas comprometedoras; provoca-as, mesmo, fazendo nas suas epístolas propostas cujas respostas, mesmo inocentes, se prestem a um duplo e pouco lisongeiro sentido. Depois inicia a chantage—exigindo grandes quantias sob ameaças de revelar essa correspondência aos maridos; e quando seca a exploração nas seduzidas, recomeça-a com os pais que, para evitar a deshonra das filhas, também cedem à sua infâmia. Há quem diga que a morte dum comerciante foi provocada por esse cavalheiro quando ele o ameaçou de mostrar umas cartas ao genro... E' fácil reconhecê-lo... Basta recordarem-se da cena de pugilato de há poucos dias, frente ao Casino...

UM EPISÓDIO DE PIRANDELLO
EM PORTUGAL

LUGI Pirandello é muito distraído—dizem uns. Que não—afirmam outros. O caso é que, tendo-lhe sido apresentado, durante a sua visita a Lisboa, certo «ás» das letras portuguesas, exclamou: «E' o sr. Fulano? Oh!

Mas eu conheço-o muito bem. Tenho lido algumas obras suas e admiro-o sinceramente.»—O nosso compatriota, rejubilando e estoirando de vaidade—quis saber qual delas agradara mais ao mestre... —«Não me recorde bem dos títulos—gaguejou o célebre dramaturgo italiano—mas parece-me que era algo parecido a *Saúde*...» —«Não tenho nenhum título onde apareça essa palavra... Mas pelo assunto... Que assunto era?...» —«Tratava de um adultério...» —arriscou Pirandello um pouco angustiado.—«Mas nenhuma das minhas obras trata de adultério...» —«Espere... Havia uma cena—magistral, pela certa—em que o galá se suicida!...» —«Mas eu nunca meti suicídios nas minhas obras...» —confessou o nosso compatriota, já muito desconsolado... Pirandello então teve uma saída de gênio.—«Olhe! Do que eu me lembro é que ele amava loucamente a protagonista! E que bem descrita estava essa parte!» Foi a forma de acertar—porque existe sempre em literatura um *êle* que ama loucamente a protagonista!

OS BOMBEIROS DE PARIS

PORTUGAL, que é o país do bombeirismo, deve interessar-se pela seguinte estatística dos bombeiros parisienses: Paris conta com 1835 bombeiros que atenderam, em 1930, a 10.576 chamadas e combateram 2.796 incêndios. Em nenhum sinistro os bombeiros demoraram mais do que cinco minutos em aparecer. 352 incêndios foram causados por curtos circuitos e 152 por imprudência de fumadores

UM «CLUBMAN» INDESEJÁVEL

ONTEM, à porta da Marques, enunciaram-se as patifarias que certo catitinha cometera nos últimos tempos—proezas de *caftan* e de *souteneur*, autênticas *escroqueries*, etc.—sendo vítima destas últimas um moço fidalgo que toda a Lisboa conhece e estima—S... C.... —«Mas vocês falaram-lhe há pouco?» anotou alguém.—«Pudera! Ele pertence ao nosso *cercle* (e citaram um dos mais aristocráticos da vizinhança do Chiado)! —«Como? Esse cavalheiro pertence ao vosso *cercle*? Foi admitido? Não foi ainda expulso? Nenhum *club* inglês, por mais modesto que seja, admite um sócio sem primeiro realizar um severo inquérito à sua vida. Em Lisboa—sabe-se positi-

vamente que são autênticos *escrocs* e continuam a consentir! Que paraíso para os patifes este país!»

O AUTOMOBILISMO TRÁGICO

ES A lista dos acidentes de automóveis em França, de 1913 a 1928:—Em 1913—294 acidentes e 302 mortos; em 1924—1.594 acidentes e 1.620 mortos; em 1925, 2.019 acidentes e 2.089 mortos; em 1926, 2.089 acidentes e 2.160 mortos; em 1927, 2.284 acidentes e 2.394 mortos; e em 1928, 2.858 acidentes e 3.027 mortos. De 1924 a 1928, os *chauffeurs* e passageiros mortos foram: 434, 651, 686, 771 e 993; e os transeuntes: 1.142, 1.448, 1.500, 1.700 e 1.928.

AS PROFISSIONAIS DA CARIDADE

UMA dama dessa fauna lisboeta que tem a alcunha de «boa-sociedade» e que já tentou a dramaturgia numa rêsita de amadores tem ultimamente demonstrado um constante esforço nêsse snobismo hipócrita que é a maioria das festas de caridade. Duas amigas comentavam ontem o chiquismo da sua nova *toilette* e o alto valor dum anel que ela exhibiu, pela primeira vez, a semana passada, no Estoril, quando uma delas se confessou admirada de que o pequeno negócio do marido desse para êsses luxos. A outra, muito séria, respondeu: «Mas é natural, minha filha, legítimo, até... Tu bem sabes que a caridade bem entendida começa por nós mesmos...»

UM ESCANDALO

ESSA mesma dama sofreu, há pouco e a seguir ao grande êxito financeiro de uma das suas muitas obras de caridade, um desgosto e vários vexames. Tendo sido ela a organizadora e tesoureira da festa—que rendera alguns contos—começou a adiar a entrega das contas e dos fundos, até que uma senhora ilustre, ainda dos bons tempos, que representava os pobres para quem êsses fundos eram destinados, farta de esperar, pôs tudo em pratos limpos, faz êste sabado quinze dias, e em plena praia do Estoril. Calcule-se o escândalo.—«Não é por mim—declarava a dama ilustre—, mas os pobres reclamam, e com razão, o dinheiro que lhes pertence.» No dia seguinte a *caridosa* senhora regressava a Lisboa, e a alguém que lhe falou do desaire, disse: —«E' a paga de eu me interessar pelos pobres. Não se pode ter coração! São uns ingratos!» Comentário dêsse alguém: «Pois são!» As senhoras divertem-se em nome dêles, que lhes fazem o reclamo, e ainda por cima querem receber o dinheiro que lhes foi dado.»

OS SAPATOS E OS AMIGOS

NUM *chalet* de S. João do Estoril, veraneia êste ano um casal muito pitoresco. Ele—comerciante *patte d'éléphant*—, os pés à *Charlot*, estigma do balcão na mocidade, fez rápida fortuna e casou com uma divorciada, filha de uma individualidade ilustre do antigo regime. Ela casou pela necessidade de manter a sua auréola de luxo; ele por vaidade e por imbecilidade. Ela vive, passeia, banha-se, relaciona-se, conversa—como uma princesa; ele segue-a, humilde, silencioso, feliz—como um lacaio bem pago. De tempos a tempos ela digna-se dirigir-lhe a palavra: «Ouve, B... Conheces aquele rapaz?» Ele nunca o conhece mas imediatamente procura conhecê-lo e convida-o a jantar. Durante alguns dias o casal apareceu por toda a parte acompanhado do novo amigo. Depois—êsse amigo é substituído por outro e outro... D. J... de N..., *blagueur* incorrigível—rindo-se—, comenta o facto com a seguinte frase: «Este marido é o contrário dos sapatos da Fábrica Portuguesa...» —«E porquê?»—indaga o auditorio, sem atingir... —«Ora... Ora... A legenda do reclamo dos sapatos da Portuguesa é que «cada par faz um amigo»... Pensem o que significa o contrário...» Pensaram—e riram.



O turista: — Que pena! Êste ano não se ouve o eco que se ouvia o ano passado.

O guia: — E' que o encarregado do eco foi contratado para trabalhar em films sonoros...

(De *The Passing Show*.)

NOVELA N.º 33

Quinta-feira, 15 de Outubro de 1931

**A RODA DA
MORTE**

SENSACIONALÍSSIMO

ORIGINAL INÉDITO DE PEDRO MARIEL

LEIAM
